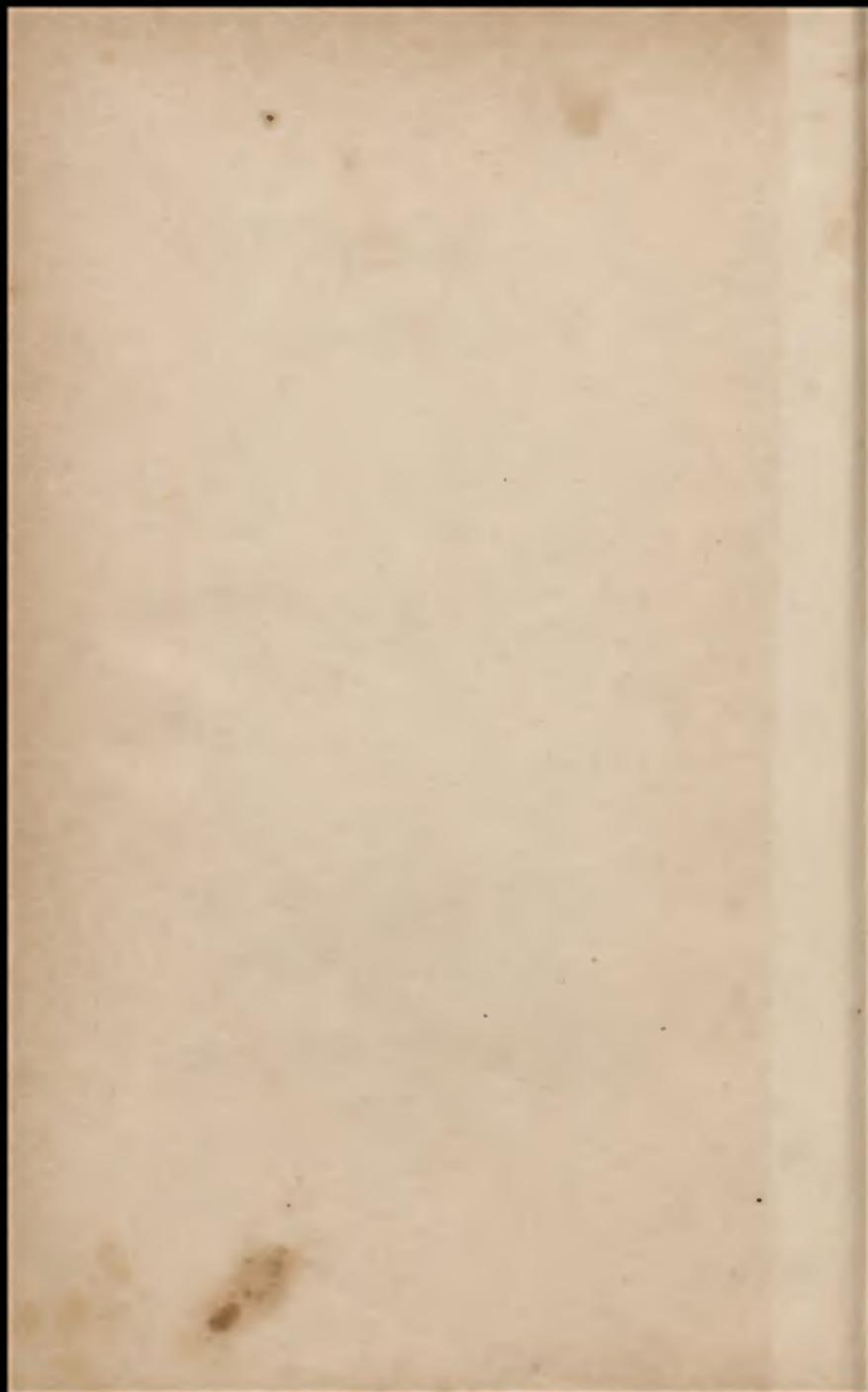


THEATRO

1807.





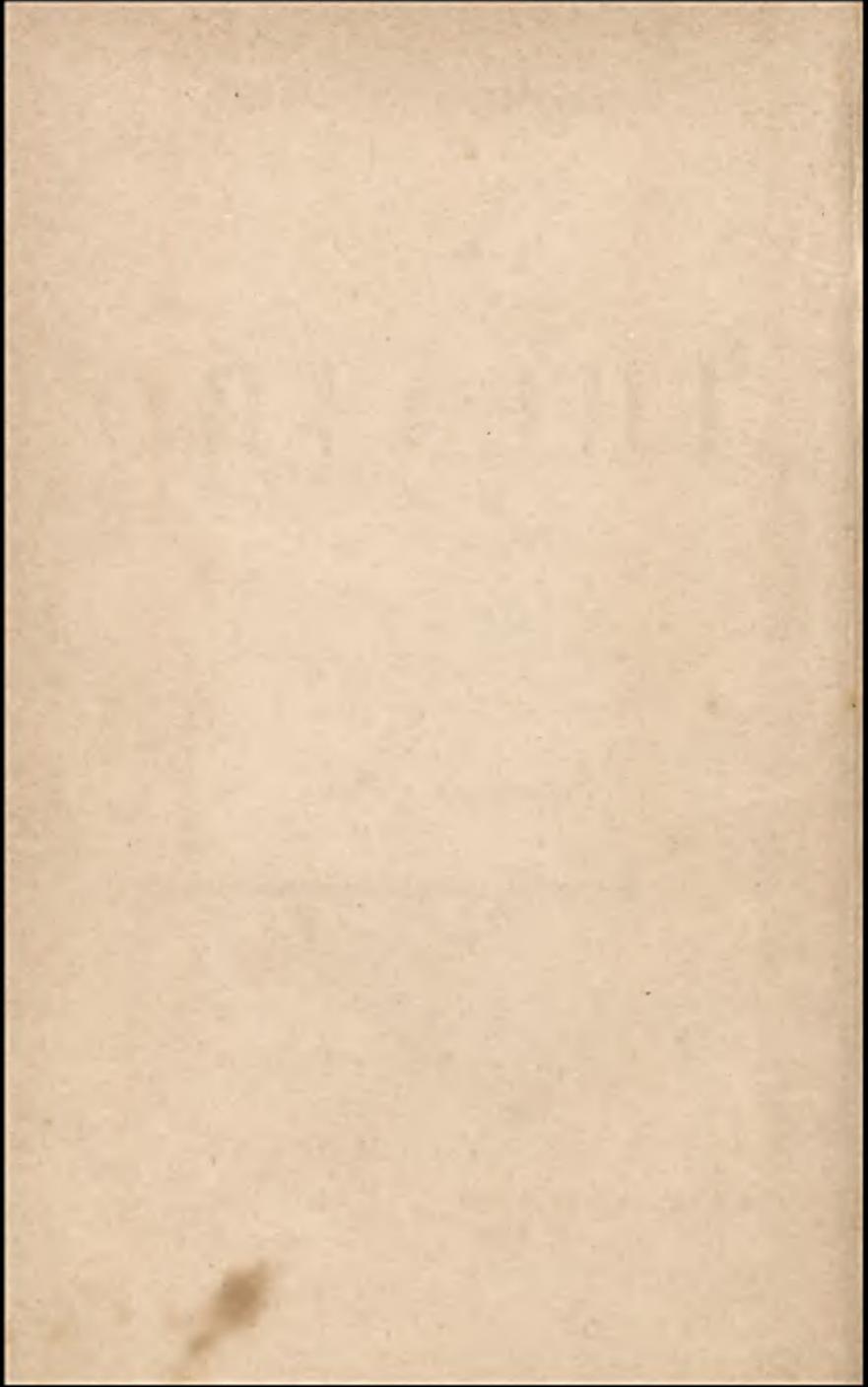
# THEATRO

(1907)

491

anal





J. M. GOULART DE ANDRADE

# THEATRO

DEPOIS DA MORTE  
RENUNCIA  
SONATA AO LUAR  
JESUS

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109  
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6  
PARIS

1909

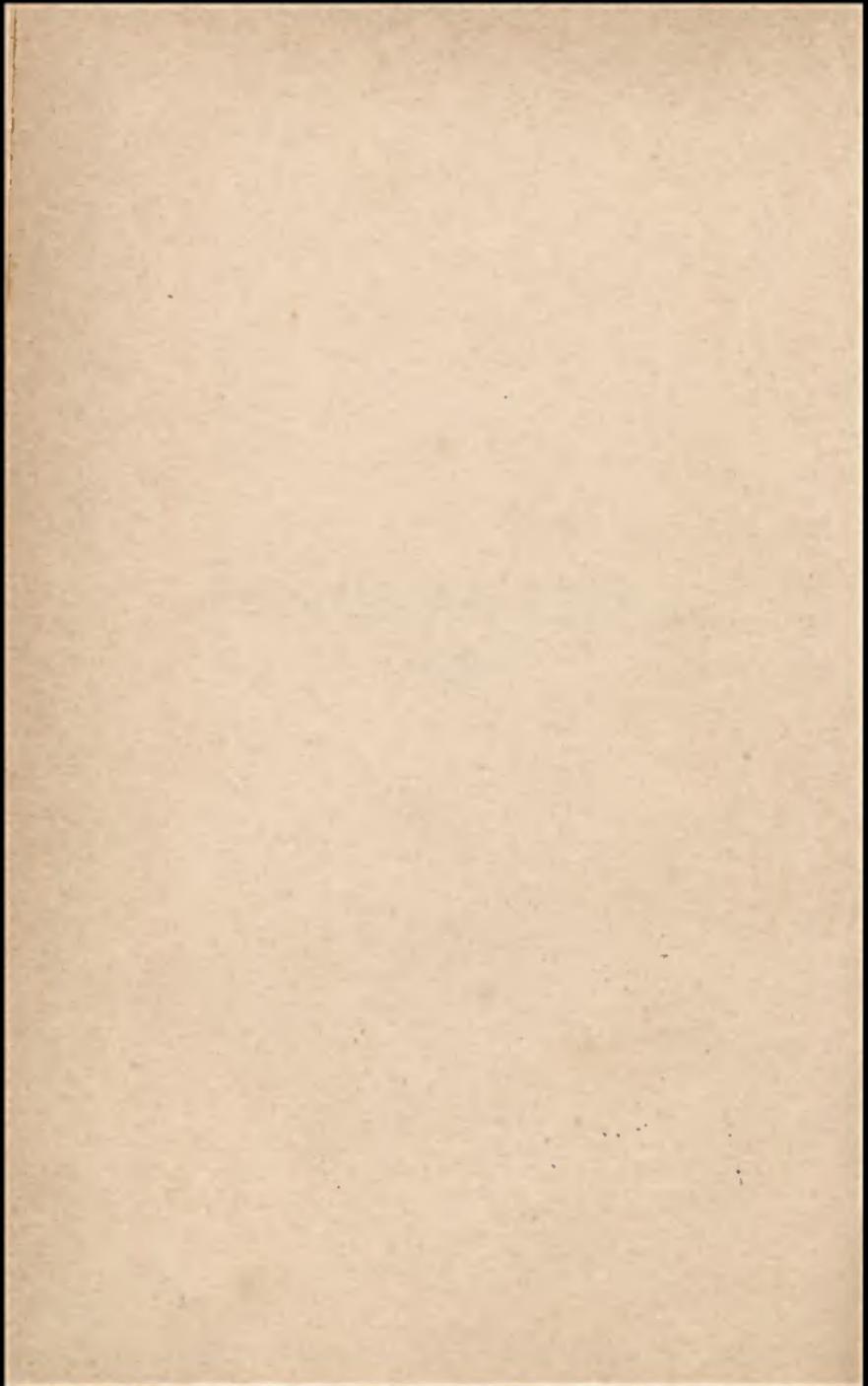
B 869. 2  
A 553 r  
V. LB  
385 2



DEPOIS DA MORTE

(1903)





## PERSONAGENS

---

ALDA, casada em segundas nupcias com.

AUGUSTO.

ISABEL, creada.

CONRADO, creado.



---

BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS	
Data	8/6/9.14/21
Tomos	1/5/5/3/4
7150	<i>[Signature]</i>



## SCENARIO

---

*Antecamara luxuosamente mobiliada. A'esquerda um bureau-ministre, cadeira rotativa de espaldar, estantes, uma columna com um busto de homem. A'parede e sobre o bureau um retracto da mesma pessoa do busto. Portas aos fundos dando para o interior. Duas janellas à direita. Quasi ao centro uma meza de estylo com papéis e uma lampada com abat-jour. Do lado das janellas e perto do proscenio um divan de palhinha almofudado, algumas cadeiras do mesmo estylo e mochos de lacca ou de xarão esparsos pelo aposento.*

---



Dr. Pires Ribeiro  
Luzia Braga 1/7/11

# DÉPOIS DA MORTE

---

## SCENA I

AUGUSTO E ALDA

(Augusto fuma, sentado ao divan e olha a fumaça mecanicamente. De vez em quando dá de ombros e franze as sobrancelhas. Alda, veste um amplo roupão de seda aberto em decote em que fulge um collar de brilhantes. A cabelleira que é de ouro, está solta e aberta em manto pelos hombros. Entra pela porta dos fundos, contempla o marido e vem sorrateiramente até passar-lhe o braço pelo pescoço)

ALDA

Sempre triste!

AUGUSTO, *voltando-se* :

Por ti...



ALDA

Por mim? Cuja alegria  
Põe a graça de um riso eterno, noite e dia,  
Nestes labios, casulo escarlate dos beijos...  
Escarlates tambem, phalenas dos desejos  
Que sómente por ti liberto, meu amigo?

AUGUSTO

E' que amarga lembrança anda sempre commigo...

ALDA

Choras hoje captivo a antiga liberdade,  
E negra nostalgia o coração te invade  
Ao recordar a vida esplendida de outr'ora  
Em que, astrologo ideal, até o surgir da auro  
Ficavas a velar, interrogando os astros...

*(Com sorriso malicioso)*

Estrellas da... ribalta, onde, attento e de rastros,  
Esperavas ancioso o horóscopo almejado  
Descido num olhar... E'este o teu cuidado?

AUGUSTO

Meu cuidado! Esse nunca o extinguirei, querida;  
Não sei de onde elle vem. Sei de occulta ferida  
Que o sangue me envenena e o espirito me abate;  
Sei, que a dôr e a paixão em meu ser dão combate,  
E, juguete dos dois, eu por ti soffro, e eu te amo!  
Eu te amo! E com que amor! E'um eterno reclamo,  
E' demencia talvez!... Quando te cinjo e aperto  
Deliro e desfalleço, e vejo tudo incerto,



Apagado... longinquo!... O universo que existe  
E'sómente o teu corpo, onde eu, insano e triste,  
Bebo toda a tristeza e toda esta loucura!...  
Quanto me torna vário a tua formosura!  
Vê, como fragil sou nas tuas mãos pequenas!  
Vês tu como eu te quero e como me envenenas,  
E me enfloras a vida? E sabes tu a fonte  
Deste doido lidar? Desejas que eu te conte  
A causa deste aneio?

ALDA, *sorrindo* :

Estranho amor! Sorriso  
Que tem travo de pranto! Albente paraizo  
Em que o anjo do mal turba toda a existencia...

AUGUSTO

Por que não te encontrei na tua adolescencia?  
E por que outro, não eu, saboreou as delicias  
Do teu primeiro beijo oloroso, primicias  
Do despertar da carne ao desejo primeiro?!  
E por que outro, não eu, veio aspirar o cheiro  
Do entreaberto botão que se desabrochava,  
E senti o queimor da capiosa lava  
Do teu primeiro affago?

ALDA, *talvez capciosamente* :

O amor só é profundo,  
Delirante, immortal, quando já vem segundo.  
O primeiro é scismar, é sonho, é devaneio,  
E' suave, e apenas faz arfar de leve o seio...



Inconsistente, e váe com as neblinas da tarde...  
O outro, não! E' querer, é uma fogueira que arde,  
E' espasmo, é sacrificio, amor devotamento,  
Que para bem gozar, supplica o soffrimento,  
Que só tem um desejo — o da pessoa amada!  
Que não quer placidez, mas a tormenta irada  
Nas doidas convulsões de um rubro cataclysmo :  
Amor espinho, amor tortura, amor abysmo!  
E' este que t' o dou! E' assim que eu me entrego,  
Como a quem o conduz, se dá confiante um cego!

AUGUSTO, *encarando-a* :

Não sei porque, mas vejo á luz dessa pupilla,  
Gravada no mais fundo uma imagem tranquilla  
Que me perturba, enleia, e se me torna odienta...

ALDA, *interrompendo-o* :

Deixa o pobre do morto em repouzo...

AUGUSTO, *frenetico* :

Lamenta,  
Chora em minha presença o goso que perdeste,  
Supplica, impreca, exóra, e clama alto por este  
Que um destino cruel te arrebatou do peito!

ALDA, *com meiguice* :

Mas, não vês que sou tua...

AUGUSTO, *sem escutal-a* :

Eu o vejo em teu leito,  
Na sala, em toda a parte, elle é sempre presente!



Beijo-te, e esse teu labio a sorrir pubescente  
E' frio... pois, conserva o resabio do morto!  
E todo esse deleite, e todo esse conforto,  
E' uma ironia amarga, é um martyrio cruento  
Que a toda a hora, a todo o instante experimento!

ALDA, *numa branda admoestação* :

E os meus braços então?

AUGUSTO, *numa ironia dolorosa* :

Os teus formosos braços?!  
Apertaram seu busto e esmoreceram lassos  
Na volupia infernal, tantas vezes!

ALDA

Socéga,

Meu amor; só a ti, meu corpo todo lega  
A carícia...

AUGUSTO, *amargamente* :

Lethal e já muito sabida!

ALDA, *com resentimento* :

Que para ti guardei sómente, alma querida!

AUGUSTO, *sensibilizando-se* :

Perdôa, meu amor.

ALDA

E só porque me queres...  
O' tanto! E com que força! Olha, nós as mulheres,



Temos sempre guardada uma caricia nova  
 Por quem nos faz vibrar! Sempre inédita prova  
 De humildade e paixão para quem se faz dono  
 De nosso pobre sêr, e nos régc do throno,  
 Despotico...

AUGUSTO, *interrompendo-a* :

Ao sabor do vosso devaneio...

ALDA, *chegando-se* :

Escuta, a mocidade inda canta em meu seio,  
 Meus sentidos e esta alma o teu nome repetem,  
 Olhos e coração, só teu vulto re cctem!  
 Tu, só tu, descerraste a purpurea cortina  
 Do sacrario, onde o amor, que agora me illumina,  
 Recondito quedava e jazia ignorado!  
 Este collo que vês, de alva neve formado  
 — Segundo o madrigal que em tua bocca esvoaça —  
 Arde, freme por ti. Morde-o, pois; despedaça  
 Estas veias azúes e sorve o ardente vinho  
 Que por ellas escorre! Adormece no arminho  
 Deste collo que é teu, que lateja e que estúa!  
 Esquece o sonho máo!... Olha, sou toda tua!

AUGUSTO, *apontando o retracto e recuando* :

Não te poder beijar! Vês tu, como elle espia?  
 Que sorriso mordaz! Que pungente ironia  
 No seu perdido olhar que inda recorda a espoza?

(*Aponta o busto*)

Aquelle busto encerra ainda qualquer coisa  
 De mysterio infernal... certo, elle sente ainda.



ALDA, *queixosa* :

Tu me fazes soffrer! Soffrer tanto!...

AUGUSTO, *chegando-se e ameigando-a* :

E's tão linda!

Minha amarga ventura e suave soffrimento!  
O que te vou dizer de magua, o juramento  
Que te não fiz ainda, a promessa ardorosa  
De um insano querer, aquillo que se goza,  
Que se sente e se sonha e que se não exprime;  
O peccado que tisma, a angustia que redime,  
A illusão que se esváe, num crepusculo de alma,  
As tempestades, convulsões, horas de calma,  
A incerteza, o receio, a audacia, o desvario,  
Gritos, imprecações, gorgoio, murmurio,  
Clangores de victoria e soluços perdidos,  
Mudas concentrações, silencios e alaridos...  
Isso tudo ouvirás num beijo que eu...

(*Olha o collar de brilhantes, e recúa*)

ALDA, *fechando os olhos* :

Termina...

AUGUSTO, *recuando, desalentado* :

Não te poder beijar! Si o teu collo illumina  
De um modo tão sinistro, esse estranho adereço...

ALDA, *com volubilidade infantil* :

Que lindo brilho tem, não é?



AUGUSTO

De um alto preço!

*(Simulando meiguice)*

Bem vejo como luz. Quem te o deu? Teu marido?  
O outro? Aquelle?... Talvez comprisse o promettido. .

ALDA, *com ingenuidade* :

Como sabes? Pois foi...

AUGUSTO, *chegando-se e pegando-lhe a mão* :

Beijaste-o muito um dia;  
Tomaste-o pela mão, fremente de alegria,  
Cingiste-o muito, muito... A alcova era entreaberta  
E nella... os dois a sós... A cigarra concerta  
Com a luz que, lá por fóra, anda a cantar vibrante,  
Mas enlanguece e morre entre as sanefas, diante  
Dos refolhos de teu cheiroso cortinado...  
Ahi, na meia tinta, este labio encarnado,  
Sorrindo tentador, formula o teu desejo  
Entre um longo suspiro e um demorado beijo...  
E elle te aperta muito, e em teu seio de pluma  
Soluça de prazer... Então, uma por uma,  
As pedras do collar fulguram no teu seio...

*(Pausa).*

Ellas ainda ali estão, tremulas de receio,  
Pois as gottas de luz que em teu collo rolaram  
São lagrymas talvez que se crystallisaram...

*(Com vehemencia)*

Não te quero beijar! Elle entre nós existe!

ALDA, *num transporte* :

Que importa o que morreu, meu amor! Deixa o triste  
Voltar ao pó, voltar ao nada.

AUGUSTO, *como que fugindo à realidade* :

Pois, fujamos!  
Enfara-me este fausto. E' debaixo dos ramos  
Ouvindo a agua cantando em face á Natureza,  
Que experimentarás a magia e a grandeza,  
Da paixão que me mata e me tortura tanto!  
Ahi, vibra em surdina o melodioso canto  
Dos passaros; a flor a umbrosa moita enfeita  
E na verde espessura a madeixa desfeita  
Sobre as folhas do chão rolará luminosa!  
Não sentirás o olor de eultivada rosa,  
Mas o cheiro da seiva e do humus fecundante...

ALDA, *fechando os olhos e abraçando-o* :

Vamos, fala-me assim... fala, vamos adeante...

AUGUSTO, *refreindo a ternura e interpellando curioso* :

O outro falava assim? E que é que te dizia?  
Soltava o madrigal aos clarões desse dia  
Azul ceeste que ha nos teus olhos? Confessa.

ALDA

Não ..



AUGUSTO

Sabia exprimir a doirada promessa  
De amor?

ALDA

Não...

AUGUSTO

Por ventura, elle sabia dar-te,  
Vindos do coração que desvaira e se parte,  
Os beijos que eu te...

ALDA

Não...

AUGUSTO

Que deslisam de leve  
De tua bocca rubra ao teu collo de neve?

ALDA

Não, não, meu doce amor!

AUGUSTO

Dize : elle te apertava  
Muito? Dize-me...

ALDA

Esquece-o; aqui me tens escrava...  
Que desejas que eu faça? Aqui me tens!



AUGUSTO, *cada vez mais curioso* :

Resume

A vida do casal com elle... o seu costume...  
O seu modo de ser... seus habitos... Eu sinto  
Um estranho sabor nisto... Elle era distincto?  
Caprichoso contigo?

ALDA

Esquece-o...

AUGUSTO, *insistindo* :

Vamos, conta.

ALDA

Agora é que a paixão no meu seio repona...

AUGUSTO, *interrompendo-a* :

E por que te casaste?

ALDA

Eu era tão menina!

Tu sabes que o esplendor veneno atrás propina  
Aos frageis corações! Nós tínhamos tão pouco!  
« Elle gosta de ti » — repetiam-me. E um louco  
Desejo me assaltou de entrar nas grandes rodas  
Moça, bella, triumphal...

*(Augusto empallidece e soffre)*

Porem... tu te encommodas?

AUGUSTO

Não, continúa.



ALDA

Um dia...

AUGUSTO, *contendo-se* :

Elle disse...

ALDA

E' verdade,

Declarou-se...

AUGUSTO, *interrompendo-a* :

E vendeste a tua mocidade!

ALDA, *com resentimento* :

Como és máo! Reluctei, mas a grandesa e o fausto  
Seduziram aos meus...

AUGUSTO

E em fogo de holocausto  
Incineraste a rir tua nivea capella!

ALDA

Chorei muito, chorei...

AUGUSTO

Como estarias bella!  
Vestido branco, á fronte o véo, toda corada,  
Feliz por se rever de rosas circumdada...



ALDA, *com sinceridade* :

Não, incerta de meu destino e meu futuro,  
Pois, por elle jámais, eu sentira, asseguro,  
A menor turbação, o natural enleio,  
Um suave calefrio a me arrepiar o seio;  
Um constante languor, a subita alegria,  
A conjectura, o devaneio, a nostalgia  
De uma ventura ignota, a aspiração nevoenta,  
Que não sabe o que quer, desconhece o que intenta;  
Esse vago querer em que a alma então se abysma,  
Que é menos que desejo, e muito mais que scisma...  
Vamos, beija-me o collo e a bocca! Tu sómente  
Me franqueaste o solar magnifico e esplendente  
Onde a Ventura canta! Esquece o morto! Esquece!  
Vem! Meu beijo é só teu!

AUGUSTO

Mas delle ainda é a prece!...

ALDA

Que desejas de mim?

AUGUSTO, *animando-se* :

Que abandones tudo isto!

ALDA, *excitada* :

Abandono, e depois?

AUGUSTO

Que desistas...



ALDA, *interrompendo* :

Desisto!

AUGUSTO, *continuando* :

Da fortuna que tens... que sejas pobresinha...

ALDA

Só, mas que seja tua?

AUGUSTO, *com um brilho nos olhos* :

Oh! que sejas só minha!  
Sem um laço sequer que te prenda ao passado...

ALDA, *agitada* :

Tu verás!

(*Chamando*)

Izabel! O' Izabel! Conrado!

AUGUSTO

Que vaes fazer?

ALDA

Verás!



SCENA II

OS MESMOS, IZABEL E DEPOIS CONRADO.

IZABEL, *entrando* :

Senhora!

ALDA

Dize, gostas

De alguém para casar?

IZABEL, *baixando os olhos com timidez* :

Sim...

ALDA, *com um brilho nos olhos* :

E certamente arrostas

Por teu amor o abysmo e a tortura tremenda?

IZABEL

Sim...



ALDA

Queres casar já?

IZABEL

Sou tão pobre!...

ALDA, *impulsiva* :

Encommenda

O que quizeres, váe!

IZABEL, *confusa* :

Oh! Senhora, obrigada!

ALDA

Quero que na tua alma irrompa uma alvorada  
De esperança...IZABEL, *timida* :

Porem...

ALDA, *mostrando-lhe o collar e as pulseiras* :

Que tal este adereço?

IZABEL

Elle é digno de um rei...

ALDA, *tirando o collar e as pulseiras  
e pondo-o no collo e aos braços da creadinha que  
enrubece e fica embaraçada, mirando as joias.*

Toma-o! Eu t'o offereço!



(A Augusto, que assiste à scena perplexo)  
E não me pagarás todo este bem que eu faço.

CONRADO, entrando, para a creada :  
Nao é que fica bem, menina, em teu regaço?

AUGUSTO, indo para Alda e tomando-lhe a mão :  
Alda, como eu te quero!

ALDA, abraçando-o :  
E eu te idolatro, Augusto!  
(Desprendendo-se)  
E aonde está Conrado?

CONRADO  
Aqui.

ALDA, mostrando-lhe o busto :  
Leva este busto.

CONRADO, com admiração :  
Aonde o ponho, Senhora?

ALDA, dando de hombros :  
Em tua casa.  
(Conrado olha admirado para Augusto)

AUGUSTO, em tom de mando :  
Ouviste?



CONRADO, *hesitando* :

Ouvi, mas...

AUGUSTO.

Obedece!

CONRADO, *á parte* : *para o busto* :

O seu ar é tão triste!

ALDA

O retracto tambem.

CONRADO, *á parte* :

O que são as mulheres!

(*A Alda*)

Mas aonde o vou botar?

ALDA, *desabridamente* :

Bota-o onde quizeres...

Espera um pouco ahi.

(*Vae vasculhar as gavetas do bureau e começa a atirar os objectos para um e para outro lado-isso, nervosa e excitadissima*)

La váe uma carteira

De pedras e ouro fino

(*Sacode*)

E' tua... Olha, a primeira

Joia que elle me deu... toma-a, Izabel! E' tua!



(*Sacode*)

Mas que duvida atróz em teu olhar fluctua?

Julgas que ensandeci ?

(*Rindo estridulamente*)

Como isto é divertido !

Estou de marfim...

(*A Conrado, sacode-o*)

E' teu !

(*A Augusto*)

A ti, querido,

Mando-te meu amor n'um beijo para a bocca !

(*Atira um beijo*)

AUGUSTO, *perplexo* :

Alda, que tens? Socega !

ALDA, *atirando-lhe um beijo pelos dedos* :

Outro mais !

CONRADO, *à parte* :

Está louca !

ALDA, *tirando um escriptorio da gaveta, esconde alguma  
cousa e atira o estojo à Izabel* :

Topasios e rubis... são teus...

AUGUSTO, *que acompanha os seus movimentos* :

E não te apartas

Desse estojo, por que ?



ALDA, *com simplicidade* :

Porque são tuas cartas...

ALDA

Botões de onix, botões de pedra azul celeste...  
Toma-os!

*(A Conrado. Pega numa caixa e hesita)*

Não! Isso, não!

*(A Augusto)*

São flores que me destel!

Bolsa de ouro de lei para notas e moedas!  
Leva-a, é tua Izabel!

*(Para e contempla alguma coisa que tem na  
mão, por algum tempo)*

AUGUSTO, *chegando-se, curioso* :

Alda, por que te quedas

Muda assim?

ALDA

Eu contemplo a innocente santinha  
Que minha mãe me deu, quando oito annos eu tinha...

AUGUSTO, *commovido* :

Eu a quero.

ALDA, *enternecida* :

Obrigada!

*(Mostrando um cartão)*

E' o primeiro desenho

Que rabisquei...



AUGUSTO, *tomando-o* :

Eu o quero!

ALDA, *à Izabel* :

Os vestidos que tenho  
São teus e os meus chapéus..

IZABEL, *perplexa* :

Mas, senhora, que fiz?

ALDA

Cala a bocca, tolinha, é que eu vou ser feliz !  
E sabes por ventura o que é felicidade?  
E' ter o amor bem perto e sentir-se saudade  
Delle! E' viver num mundo idéal que a gente forma  
Todo penumbra e luar, segundo a nossa norma :  
Um fechar de olhos; um abrir de labios; medo  
De que se ignora a causa; um timido segredo  
Que o olhar transmite a um outro; um gozar bipartido,  
Soffrer a dois... morrer de amor... não é, querido?  
Cerrar olhos e ver uma imagem risonha,  
Atravessar a vida, assim como quem sonha !

AUGUSTO

E alguma cousa mais que eu quero e não consigo  
Dizer...

ALDA, *intencional* :

Perdoar alguém ?



AUGUSTO

Não! Não! Viver contigo!

*(Durante toda esta scena Conrado e Izabel arrumam os objectos, trocando signaes, e falando baixinho, com maior espanto do que alegria.)*

ALDA, a Conrado :

Pois, já não te ordenei que levasses o busto  
E o retracto?

CONRADO, indo descer o busto da columna  
e pondo-o sobre a mesa do centro :

Ja vão.

ALDA, a Augusto :

Voltarei breve, Augusto.



### SCENA III

OS MESMOS, MENOS ALDA

*(Conrado desprende o retracto vagorosamente, e Izabel entra e sai, levando os objectos)*

AUGUSTO, *dirigindo-se á estatua :*

Não te poder vencer enquanto vivo! Embora!  
Ella tambem foi tua e entre os braços outr'ora  
A tiveste! Esse olhar que é de bronze, procura  
Inda achar o esplendor da sua formosura!  
Ah! não avivarás mais a lembrança cruenta  
De que a beijaste, e em mim, onda amarga e sangrenta,  
Levanta e me circumda e me arrepia todo!  
Hoje és lama sómente! Hoje és sanie! Hoje és lodo!  
Que resta mais de ti? Recordações apenas...  
Estas, desfaço-as eu, si cuidas me envenenas  
E ponho-as porta fóra! Inda que fóras vivo,  
O dono della, ouviste? e eu apenas captivo  
De seu encanto e seu amor, eu te expulsara  
Daquelle coração, prenda custosa e rara!



Eu ahí reinarei, eu sósinho, eu sómente!  
Vai, não perturbes não, esse idyllio innocente  
Com o frio olhar que queima e que perfura e escalda!...

(*A Conrado*)

Conduze isto d'aqui!

(*O creado desapparece por uma porta e Alda entra pela outra — vestido branco de cassa, touca de rendas e avental azul*)

AUGUSTO, *com admiração* :

Que linda estás, minha Alda!

ALDA, *risonha* :

Que te pareço agora?

AUGUSTO

Um archanjo! Assim deve  
Ser o sol repontando entre floecos de neve!  
Pastorinha a pascer um rebanho de beijos,  
Aia que só conduz phalenas e desejos.  
No meu deslumbramento e nesta suave insania  
Julgo, entre os elfos do ar voejando, ver Titania!  
Governanta lyrical de estrellas...

ALDA, *sorrindo* :

Basta! Basta!

(*Approxima-se e passa os braços em torno a cintura do marido*)

AUGUSTO

Esseneia de meu sér! Alma formósa e casta!



ALDA

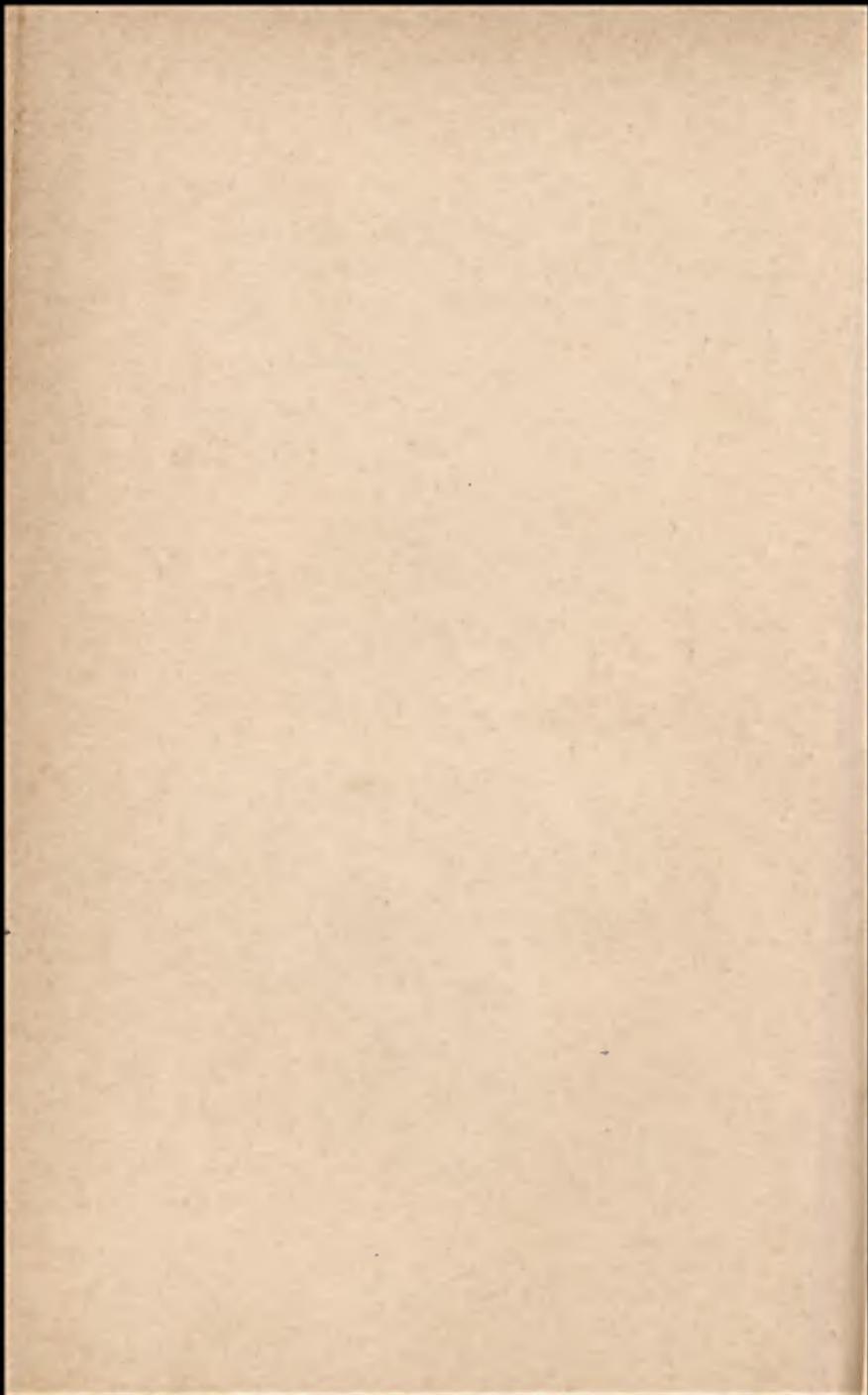
E agora, meu amor, que a nuvem se desfez,  
Beijar-me-ás muito e muito, oh! dize-me?

AUGUSTO, *beijando-a freneticamente* :

Talvez...

PANNO.





# RENUNCIA

(Sobre um conto de OSCAR LOPES.)





## PERSONAGENS

---

LAURA, viuva. 36 annos.

ESTHER, viuva. 50 annos.

CLAUDIO, filho de Esther. 20 annos.

---



## SCENARIO

---

*Um gabinete de estudo. Estantes á esquerda; mesa quasi ao centro; portas aos fundos; uma janella á direita, dando para uma varanda ou terraço florido de jasmineiros. Ao levantar o panno Claudio está debruçado sobre a varanda e olha o jardim, distrahido. Esther, num peignoir cinzento e leve, entra pela porta dos fundos, contempla o filho, e dirige-lhe a palavra, dando em toda a scena uma physionomia risonha e maliciosa. Vae amanhecendo.*

---



# RENUNCIA

---

## SCENA I

ESTHER E CLAUDIO

ESTHER

Prende o vôo á tua alma. Em que scismas absorto?

CLAUDIO, *voltando-se* :

Ouço a canção da luz! Vejo as arvores do horto  
Reflorirem! Escuto a grande symphonia  
Do despertar da seiva e a marcha real do dia!  
Olha! E' a musica estranha! A orchestração vibrante,  
Na apothéose triumphal das côres do levante!

ESTHER, *incredula* :

Porem... velaste a noite inteira : ouvi-te o passo  
Incessante, ir e vir, de teu leito ao terraço...



CLAUDIO

Escutava o silencio, a prece misteriosa  
Que, vaga e olente, sáe do calice da rosa!  
Como que eu auscultava o coração do mundo  
E via a chuva astral, como pollen fecundo,  
Gerando sóes e sóes pelo espaço infinito...  
Depois... eis chega o dia! E ainda agora eu fito  
O firmamento azul, já viuvo das estrellas  
E quedo a recordar, tristonho por não vel-as,  
Que minh'alma tambem ora palpita cheia  
De illusões, ora jaz vasia, inerte, alheia,  
Melancolicamente a divagar atóa...

ESTHER, *simulando pena* :

Pobre Claudio! Que tens?

CLAUDIO

Scismares, mãe, perdôa.

ESTHER

È a influencia de um philtro ignoto que nos ares  
Diluisse alguma fada em a tinta dos luares...

*(Apontando um livro entre abertos  
que está sobre a mesa.)*

E este livro? É talvez amoroso romance  
Numa aérea surdina : Uma bocca ao alcance  
De outra bocca, um cabelo esvoaçando esplendente  
Pela altura de um labio, onde borbulha ardente  
Uma phrase de amor, que não chega a exprimir-se...  
Ella, quinze annos tem, e o nome azul de Tirce,



Loura e fragil se entrega ao espirito que a leva  
 Pela espira do sonho, á paragem longeva,  
 Onde brilha o solar da illusoria ventura...  
 Elle, vinte annos conta, idade idéal da jura,  
 De uma immortal paixão...

CLAUDIO, *interrompendo-a* :

Engano. Leio o poema

Dos que falam sómente a linguagem suprema  
 Do perfume e da côr. Queres ver o que leio?  
 Vê, é a fecundação das flores, é o aneio,  
 A vibração do amor nas corollas nevadas,  
 E' a festa nupcial nas camaras rosadas,  
 Eseuta, a natureza os desejos acende,  
 E, solícita e mãe, á uma flor outra prende  
 Por um liame secreto : — e a abelha, o vento, as aves,  
 Celebram o hymineu destes sêres tão suaves,  
 Que embora a florescer presos pelas raizes,  
 Muito mais livres são e muito mais felizes.

ESTHER

No procelloso mar da vida em furia eterna,  
 A ingenua moeidade é não que não governa...  
 Si um capricho lhe fallia, imagina um tormento !  
 Teu pesar ! Mas, um dia, elle, na aza do vento  
 Pelos ares se esváe, desfeito num suspiro...  
 Florirá outro amor, e, após, no mesmo gyro,  
 As azas baterá, deixando na lembrança  
 Um perfune... uma fita... uma carta... uma trança...

CLAUDIO

Amor assim floresce uma só vez na vida.



ESTHER

Enganas-te. A' mais de uma o nome de querida  
Darás allucinado, entre dois longos beijos.  
Na tua idade são fugaces os desejos,  
Como estes fructos que jámais amadurecem :  
Nascem, incham depois, desenvolvem-se, crescem,  
Mas, antes da sação... murcham...

CLAUDIO, *zombeteiro* :

De certo amaste  
Muito mais de uma vez, antes que da tua haste,  
Cecem, foste colhida?

ESTHER, *entre risonha e confusa* :

Então, Claudio? Só uma,  
Uma só vez ameí!...

CLAUDIO, *beijando-a* :

Desfaz-se como a espuma  
Toda a trama irreal desta philosophia!...  
Adeus, mãe.

*(A' parte.)*

Tu perdeste ainda hoje o teu dia...

*(Sae)*

## SCENA II

ESTHER, *arruma aqui e ali, espanando os livros :*

Borboleta gentil que abandonando apenas  
O casulo pelo ar, libra as azas serenas  
E prestes no aranhol se debate em vão presa.  
Mal sâes da adoleseencia, a fantasia accesa,  
Sem que o queiras, te vâe eonduzindo por furnas,  
Abysmos e desvãos, antros, lapas soturnas,  
Como folha caida, ao sabor da corrente!  
Vôa, doudeja exúl! Um coração que sente  
Todo o teu desvario, acompanha-te o passo,  
E quando presentir teu espirito lasso,  
Quasi sem ter acção, enlanguecido e inerte,  
Phalena tresloucada, elle irá desprender-te  
Da trama que te enlaça e te subjuga e enleia,  
Embora a aza te quebre, ou despedaee a teia!



SCENA III

A MESMA E UM CREADO

UM CREADO, *annunciando* :

Senhora, D. Laura...

ESTHER, *estremecendo* :

Ella!

(*Ao creado*)

Dize-lhe que entre!

(*O creado sae.*)



## SCENA IV

A MESMA E DEPOIS LAURA

ESTHER

E' força que minh'alma energias concentre  
Para o prelio que agora inclemente começa...  
Tu vens, serpe do mal, seductora, com essa  
Fatal fascinação a que a presa não foge...

LAURA, *entrando, comprimenta um pouco embaraçada,  
conservando a sombrinha e a carteira na mão :*

Bom dia, D. Esther.

ESTHER, *numa reverencia um tanto exagerada :*

Dia ridente o de hoje,  
Si tão cedo a Senhora esta rua illumina...

LAURA, *confusa :*

Fui aqui á esta igreja humilde e pequenina  
Que as portas, como um seio, abre consoladora  
A todo o doente d'alma e á toda a peccadora...



ESTHER, *ironicamente* :

Foi decerto resar por seu querido morto,  
Pôr o corpo a soffrer no frio desconforto  
Da lage dura e fria, onde cáem desfiadas  
As contas de crystal das lagrymas choradas...

LAURA

Faz-me bem o silencio, e a tristeza da nave...

ESTHER

Ilha flórea e ignorada, aérea nuvem, ave  
Que sósinha emigrou...

LAURA, *interrompendo-a* :

Viuva emfim, senhora.

ESTHER, *concluindo* :

Que seu formoso morto a cada instante chora...

LAURA

Adoro a solidão...

ESTHER, *sorrindo* :

Com alguem a povoal-a...

LAURA, *continuando, a seu pesar* :

De floresta sombria, ou de deserta sala,  
Onde o meu pensamento, elle sómente exista,  
Sem que veja ninguem...



ESTHER, *sorrindo* :

Mas que possa ser vista...

LAURA, *refreando o despeito, como para evitar o conflicto que se deseneadeia* :

Hoje uma hora quedei, vendo que se accendia  
O vitral da capella ao vir da luz da dia :  
— E' a Mater Dolorosa! A sua veste é branca  
E do seio dorido ais maguados arranca...  
Jáz o Christo em seu collo, alvo, envolto no linho,  
Em quanto, ella, a penar, chora devagarinho...  
Nas feridas do justo a pelle é côr de lyrio,  
— Flores do soffrimento e rosas do martyrio!  
A mãe dolente enxuga o sangue no seu manto,  
Que tem a triste côr violácea do agapantho!  
Vendo-a senti uneção espiritual tão grande  
Que, ora, num desafoço o coração se expande,  
Como um passaro solto...

ESTHER, *num tom solemne* :

Acredite, Senhora,  
Si este filho, no qual meu cuidado demora,  
Que é todo o meu encanto e todo o meu enlevo,  
Por quem peno chorando, inquieta vélo, e devo  
Estremecer de susto e sorrir de ventura,  
Um dia ingrato o vir, por onda treda e escura  
De torva e má paixão, ser levado inconsciente,  
Antes, eu aqui juro, o chore eternamente,  
E o veja no meu collo, hirto, exanime e frio,  
Deixando na minh'alma um lugubre vazio...



Porque o quero só meu! Porque eu soffro o tormento  
Sem igual de pensar que no seu pensamento  
Uma estranha virá reinar! E que meu vulto  
Se irá esmaecendo, até ficar occulto  
Para a sua lembrança! E eu, de todo esquecida,  
Esecondendo esta dôr atróz, nunca sentida!  
Ser aqui importuna, eu que sou mãe? E' horrivel!  
Indifferente, eu mãe?! Acaso, será crível  
Que eu o creasse tão meu, tão meu, para perdê-lo?

(Pausa)

Inda o vejo pequeno : O seu louro cabelo  
Como estrias de sol, redourava-lhe o rosto...  
Todo elle era um sorrir! E quando o cruel desgosto  
Da morte de seu pae me enlausurou no luto,  
Inda no coração lhe guardo a voz e escuto :  
— « Não chores, mamãsinha, eu serei teu marido... »  
E um longo beijo seu, premia o meu gemido!  
O abandono, Senhora, é frio como o espaço,  
E como elle deserto! Antes, no meu regaço  
Eu, pállido, o tivesse, e morto o contemplasse,  
Tendo n'alma a tristeza e lagrymas á face...

LAURA

Mas, soeegue. A mulher que lhe surgisse agora  
Para o amor de seu filho, amal-a-ia, senhora,  
Numa extrema ternura, e seria um encosto  
Na asperesa da vida, e seria o seu rosto  
Um como espelho fiel, onde se reflectisse  
A alegria fugaz ou o pesar da velhice...  
Cuidosa de seu bem, amavel e doce,  
Não teria palavra ou gesto que não fosse



De carinho... E depois, quando a linda esperança  
Da carne feita flor, chegasse numa creança,  
Enlevo de seu sonho, e sonho de seus dias,  
Esplendoroso sol que atras melancolias  
Sorridente desfaz num candido sorriso...

ESTHER

Não se fez para mim tão claro paraíso !  
Si esta creança vier, serei mais desgraçada :  
Em vez de um inimigo, esta alma torturada,  
Lutará contra dois na disputa da presa...  
E então, todo este amor, que na sua inteireza  
Seu coração me dá, intenso, desde o berço :  
Ficará reduzido a quasi nada : a um terço...

LAURA

Em vez de uma terá, tres pessoas bem pe o,  
Amando-a com desvelo.

ESTHER

O meu destino é certo :  
Affagos me darão a principio ; em seguida,  
A fria polidez ; o enfaro, após ; a lida  
Das intrigas depois ; depois, a luta infrenc  
Sem treguas nem quartel ! E o despejo solemne  
Por ultimo ! Em bem sei, bem sei o que me espera,  
O abandono fatal, o desprezo...

LAURA

Exagéra!

3.



ESTHER, *vibrando* :

Saiba que eu sei de tudo. A sua carta, li-a,  
Tenho-a bem na memoria.

LAURA, *anciosa* :

A minha carta?

ESTHER, *no entono de quem recita* :

« Havia

« Não sei em que logar da terra uma montanha,  
« Toda de rocha negra e de altura tamanha  
« Que o cimo era de neve e de todo maninho;  
« Por seu flanco jamais ou flór ou passarinho  
« Roçara a folha de ouro ou ponta de aza esperta...  
« Surgia a primavera : — e a montanha, deserta!  
« Vinha o verão : — deserta a montanha...

LAURA, *protestando* :

Senhora!

ESTHER, *com zombaria* :

Esta carta é um producto excellente da flora ;  
Epistolar... Conceda eu continúe .. « O outomno  
« Apontava : e a montanha, esteril, no abandono  
« Da altura livre! O inverno embuçado chegava :  
« E a montanha se erguia em sua nudez brava! »...

LAURA, *com vehemencia* :

Basta! Ahi mesmo verá, que evitei a loucura  
Deste amor; que fugi aos protestos e á jura  
De seu filho...



ESTHER, *sorrindo, diabolicamente* :

Já sei. A senhora era o monte;  
O ardente pranto delle a murmurosa fonte,  
Que o penedo talava; o labio supplicante  
O vento que levou o germen fecundante  
Ao aspero alcantil... E' uma esplendida imagem!  
A semente nutriz levada pela aragem  
Medrou cedo, cresceu, hoje é arvore enorme  
E o pincaro glacial e duro, não mais dorme  
Na fria solidão, onde immensa floresta  
Rumorejante e em flor canta em eterna festa!

LAURA, *com decisão* :

Eu o amo, é bem verdade! E' crime? Pois, condemne!  
E' um amor obsessão, soffrimento perenne;  
Uma fogueira ardendo; amor cujo almo brilho...

ESTHER, *supplicante* :

Mas, não vê que este amor fatal perde o meu filho,  
Que estorva o seu futuro e que elle subjugado  
Por essa força estranha, assiste fascinado  
Ao triste funeral de sua juventude?  
Salve, salve meu filho! Ainda é tempo. Mude  
Esse encanto que tem sobre o timido louco  
Para um outro qualquer... Custava-lhe tão pouco...

LAURA

Impossivel, Senhora! Amar na minha idade  
E' allucinação, delirio, tempestade,  
Desvario, embriaguez, perturbação, loucura...  
Repelli-o, elle o sabe ..



ESTHER, *com um brilho sinistro nos olhos* :

E por que hoje o procura?  
Por Deus fuja, ainda é tempo! Olhe, elle tem vinte  
[annos...

Trinta e seis a Senhora!... Os negros desenganos  
Matarão na sua alma os claros devaneios,  
E cedo hão de chegar tristezas e receios  
Quando a velhice vier! Não nota que declina,  
Que se enruga e se mancha a carne alabastrina  
Deste collo opulento, enlevo dos olhares?  
Por que busca por si tão tremendos pesares?  
De hoje a seis annos mais, elle é esplendido e forte,  
A Senhora — um occaso a caminho da morte...  
Então, irá buscar o labio moço e ardente  
Outra fonte mais pura, onde se dessedente!  
E esta bocca será como um ninho sem ave,  
Orphã da communhão do beijo olente e suave,  
Pois, beijos, si os tiver no labio supplicante,  
Beijos frios serão que sobrarem da amante  
— Parca esmola atirada á mendiga importuna!  
E ultrajando esta dôr e este aneio : — A Fortuna  
Dos que a cercam, amando a sorrir, desde o insecto  
Ao homem, desde a flor ás cousas, sob o tecto  
Azul, de um lindo céu! Viajante no deserto,  
A miragem do amor entreverá bem perto,  
Aérea, fugidia, esquiva ao seu reclamo.  
Por onde quer que esteja, ouvirá sempre : Eu amo!  
Eu amo! Em toda a parte e a qualquer hora! Em tanto,  
De seus olhos jamais ha de cessar o pranto,  
Pranto ardente que inunda a face emmurchecida,  
Pranto de sangue e fogo, estuando da ferida



Aberta n'alma! Eu sei que seu tormento é immenso,  
Mas, perdoe-me...

LAURA, *turbada* :

É bastante!

ESTHER, *insistindo* :

Escute ainda : Eu penso  
Que em breve morrerei, e então, sem companheira  
Solitaria, de pé, de horrído abysmo á beira,  
Ficará soluçando inconsolavel....

LAURA, *excitada* :

Basta!

ESTHER, *insistindo*

E farão ninho ali, dôres de toda a casta.  
Seu leito conjugal — grande, sem alegria,  
Apparencia terá de sepultura fria...

(*Com meiguice*)

Quem de seus olhos, filha, as lagrymas estanca?  
Com a tréva dentro d'alma e a cabecinha branca,  
Murchará como um lyrio, á mingua de um affago :  
Lua, só pelo céo! Nelumbo, só num lago!  
Pense bem nisso, pense...

LAURA, *no auge da emoção* :

É bastante. Asseguro

Que não empanarei seu ridente futuro,  
Que não me verá mais, nem lhe ouvirei a fala,  
Que esconderei em mim o amor que me avassalla!



Tem razão! Será livre. Eu mesma assim o quero,  
Liberrimo e triumphal, para o meu desespero,  
Para o meu delirar, para a minha agonia!  
Obrigada, Senhora! Eu nada disto via...  
Soffro como ninguem... E' terrivel a cura,  
Mas tenho fé que em breve estarei boa...

ESTHER, pegando-lhe a mão :

Jura !

LAURA

Juro, por este amor que no meu peito lavra  
Flammejante e immortal! Siquer uma palavra  
Elle ouvirá jamais de meus labios! Socegue.  
Diga-lhe, por favor que nunca mais empregue  
Meios para me ver! Que o trouxe num embuste!  
Que vou casar com outro — invente um nome — custe  
O que custar, ouviu? Que o nosso juramento  
Se volatilizou! Que eu deveras lamento  
A comedia que o fiz representar commigo!  
Que elle me ataldiçõe, emquanto eu o bendigo!  
Que blaspheme, e desvaire, e apostrophe iracundo,  
Emquanto eu, no silencio, o guardo no mais fundo  
Do pensamento!

ESTHER

Escute!

LAURA

E que eu sou uma infame!

ESTHER

Calma!



LAURA

Sem pundonor...

ESTHER

Então? Laura!

LAURA

Proclame

Alto a minha traição. Elle é livre. Asseguro  
Que não estorvarei seu brilhante futuro...  
Póde voar! É livre! Ouviu?

ESTHER, *abraçando-a* :

Muito obrigada,  
Quanto me faz feliz!

LAURA, *soluçando* :

Quanto sou desgraçada!



## SCENA V

AS MESMAS E CLAUDIO

*(Ao chegar este ultimo, Laura levanta-se e enxuga o rosto furtivamente.)*

CLAUDIO, *sorrindo* :

Tres casas fazem lindo este recanto : A aurora,  
O jasmineiro em flor...

LAURA, *sorrindo tristemente* :

E a ultima?

CLAUDIO

A senhora...

LAURA

Amor á phrase...

CLAUDIO

É' justa. Uma alegria intensa!  
Enche a casa com a sua adoravel presença...



LAURA, *contendo o pranto* :

Dizia á D. Esther... por que lhe transmittisse...  
Que chegando ao limiar... das portas da... velhice...  
Procurei... um amparo á vida...

ESTHER, *interrompendo-a com decisão* :

Uma surpresa :

Casa-se e vae partir!...

LAURA, *baixando os olhos, commovida* :

Commetto esta fraquesa...

CLAUDIO, *estremecendo* :

Seja... muito... feliz...

LAURA, *estendendo-lhe a mão* :

Adeus... Senhor...

ESTHER, *ao ouvido de Laura* :

Coragem!

LAURA

Querida amiga, adeus!...

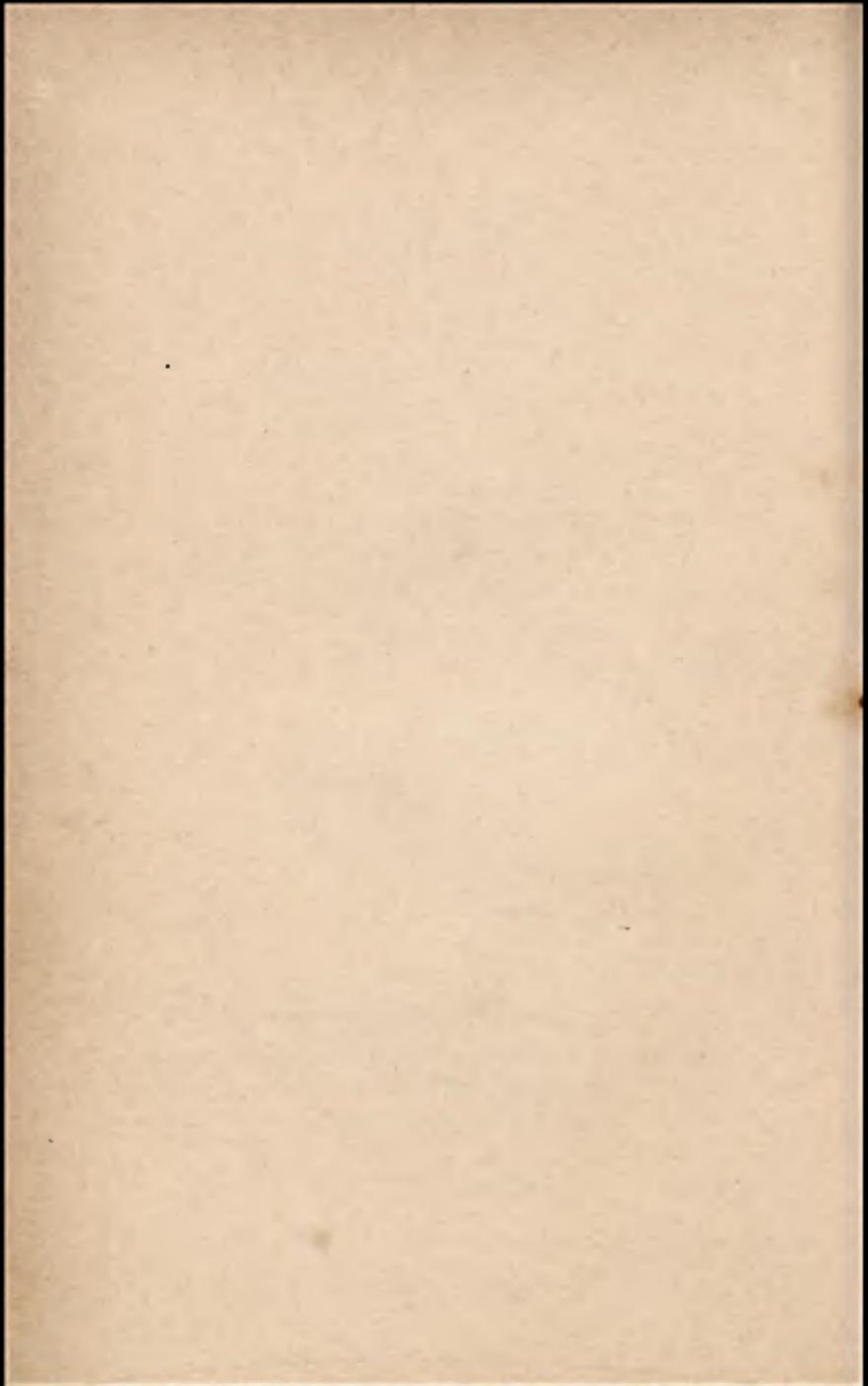
*(Laura abraça a D. Esther que a conduz  
até a porta e fica a acenar-lhe com o  
lenço; enquanto Claudio senta-se so-  
luçando desesperadamente)*

ESTHER

Tenha uma bôa viagem!...

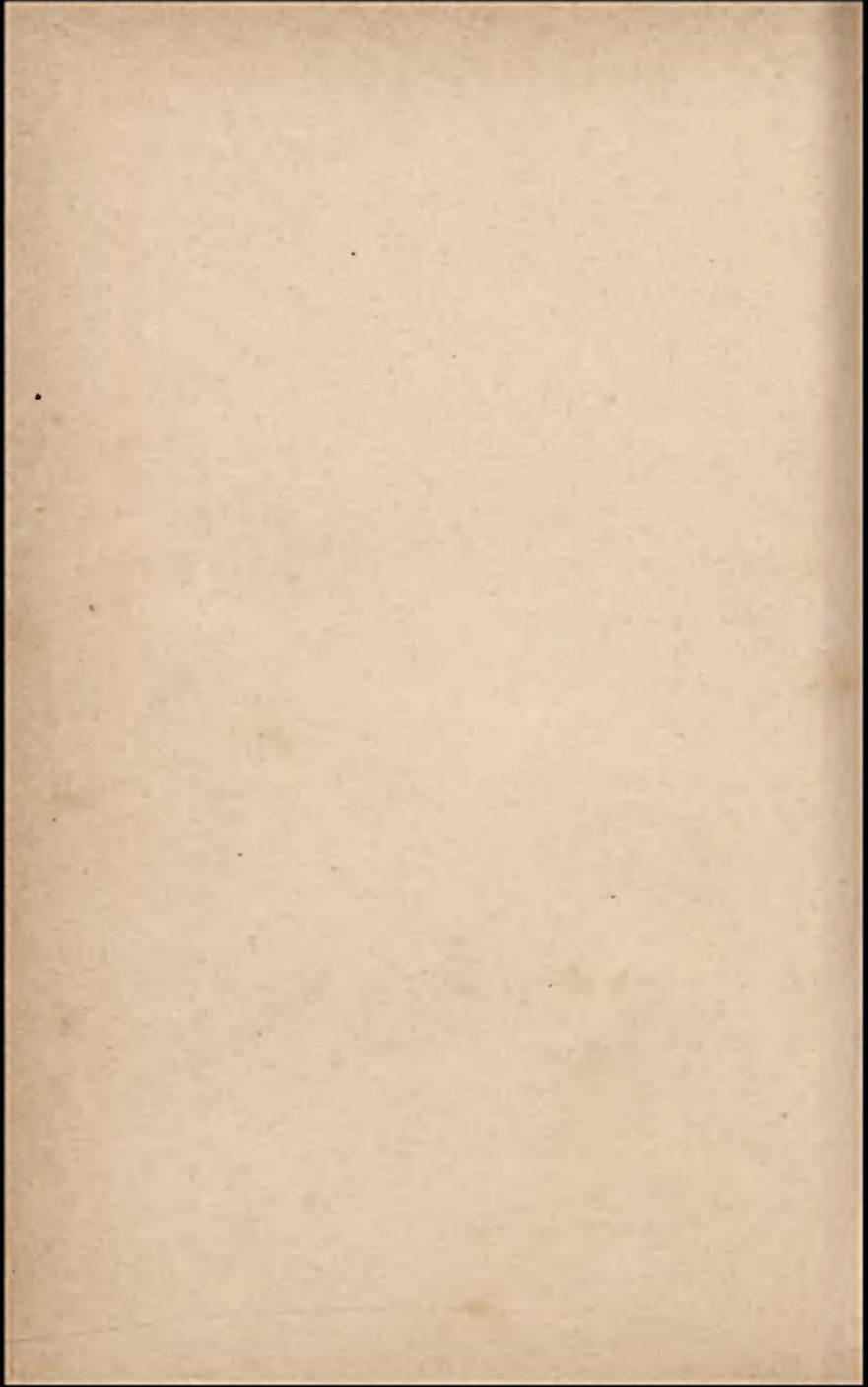
PANNO.





SONATA AO LUAR





## PERSONAGENS

---

ELYSIO, 40 annos.

MARTHA, 33 annos.

---



## SCENARIO

---

*Sala de jantar envidraçada. Parasitas, vasos com plantas. A tarde vai em declínio. Martha acaba de tomar café, depõe a chicara sobre a mesa, e vem sentar-se junto de Elysio, ao divan, diante da janella aberta. Ella é um outomno florido, elle, na plethora da vida.*

---



# SONATA AO LUAR

---

## SCENA UNICA

MARTHA E ELYSIO

MARTHA, *continuando* :

Não é mais alvorada : E' o sol pleno irradiando  
No maximo esplendor!

ELYSIO

Tu te enganas : E' o bando  
Irrequieto e fallaz dos caprichos, é a gaze  
Inconsistente, a teia imponderavel quasi  
Que o devaneio tece, e é tão subtil, tão fina  
Que a rompe a aza da vespa ou folha de bonina...  
Aos quinze annos amar ! Enganas-te. A existencia  
Nessa quadra florida é semelhante a essencia :  
Só quer voar e fugir, desprender-se do mundo,  
Nada que seja um laço, ou que seja profundo,



Tristeza nem prisão! E' um vestido ataviado,  
Rendas, fitas pelo ar, e o pequeno cuidado  
Para que se não fane a flor fresca e esplendente,  
Que em seu quarto de moça olha de face o poente...  
Seu amor é a alcova, e o confidente, o espelho;  
Só para elle sorri o seu labio vermelho...  
Não póde ser! Não ama, é muito cedo ainda!

MARTHA, *convictamente* :

Sei tudo, Elysio.

ELYSIO

E então?

MARTHA

E' já moça... e é tão linda!

ELYSIO, *impaciente* :

E' tão linda, bem sei; e depois?

MARTHA

E já moça.

Começou a soffrer... E não é muito que ouça  
A ardente voz do sangue a acordar no seu peito...  
O pobre coração ingenuo e satisfeito.

ELYSIO, *abanando a cabeça* :

Não póde ser!

MARTHA

Oh! si ama! Acompanho-lhe o passo,  
Horas inteiras vejo-a olhando para o espaço



Como si nesse olhar a azulada cortina  
Se arrepanhasse, e alguém, que ella certo imagina,  
Lá do alto lhe surgisse...

ELYSIO

E só?

MARTHA

Não, não é tudo!

Ha muito que eu lhe sigo as maneiras e a estudo :  
Prefere sempre estar sósinha ; a claridade  
Provoca-lhe impaciencia ; a tristeza lhe invade  
Todo o ser, e não raro, ella jáz inconsciente  
De bocca entrecerrada, a olhar, a olhar o poente  
Tão immovel, sombria e firme, que o sol-posto  
Lhe imprime a roxa côr da magna no seu rosto...  
Si vae ao piano, acorda uma toada tão triste,  
Como a exacta expressão da dôr toda que existe.  
Quando a escuto tocar, penso ver essas notas  
Subirem como incenso á paragens remotas  
Condensando-se ali...

ELYSIO, *risonho* :

Que fantasia a tua!

MARTHA, *concluindo* :

E crearem o clarão nostalgico da lua...

ELYSIO

Quando queres prender a aza ao teu devaneio?



## MARTHA

Julgo que todo offego angelico de um seio,  
Toda a contemplação, todas as scismas, tudo  
Que seja anhelos suave ou um desejo mudo,  
Que seja uma lembrança ou queixa reprimida,  
A ancia, o perfume, o som, a saudade incontida,  
O que houver de perdão dentro em nós, de piedade,  
O que em summa fôr bom, macio, claridade...  
Como as preces que vão para Deus tão sómente,  
Tudo isto sobe ao céu, e forma a lua algente...

## ELYSIO

Ou descerá talvez nos seus raios de prata :  
Ella nos dá em luz o que nos arrebatava  
De sonho...

MARTHA, *pensativa* :

Talvez seja...

ELYSIO, *risonho e num ar de volubildade* :

E sabes o motivo  
Pelo qual seu clarão merencoreo e lascivo,  
Escorre a lassitude e a vesania derrama?

MARTHA, *sorrindo* :

É que a lua é decerto o astro bom de quem ama...

## ELYSIO

Por ser enganadora, ethérea e indefinida...



MARTHA, *interrompendo-o* :

É a imagem da mulher, tu dirás...

ELYSIO

Não, querida,  
Que és a essencia immortal da luz que esta alma  
[aclara...  
Hydromel que edulcora uma existencia amara...

MARTHA, *insistindo* :

Mas dizias : Por ser ethérea e enganadora...

ELYSIO

E á mulher comparaste-a. A imagem não desdoura,  
Todavia, não serve á inquieta idéa minha,  
Que, semelhante á alada e trefega andorinha,  
Quer librar-se no azul macio e sorridente...  
Olha, a lua doentia, é uma opala dormente,  
Este sygno lethal de lutosos presagios,  
Pedra que, para o olhar, lembra os doces contagios  
Do velludo nas mãos, e de um labio cheiroso  
No outro labio vermelho e anhelante de gozo.

MARTHA, *beijando-o* :

Assim, não é verdade?

ELYSIO, *olhando-a nos olhos* :

Assim...

MARTHA

Mas, continúa...



ELYSIO

Quanta loucura nos transmite a álgida lua!

*(Como quem se lembra)*

Que dizia eu então?

MARTHA

Referias que a opala

É malefica.

ELYSIO, *retomando o fio do thema :*

Sim, a pedra da Kabala,

De mysterio afinal, que no ether mergulhada

Se váe diluindo no ar diaphano e fino, e em cada

Particula de luz insinúa um veneno

Tão brando e tão fatal, que tudo, ao luar sereno,

Tem este ar de demencia e estranha morbidez...

MARTHA

Vaes decerto concluir que toda esta belleza,

O aroma feito luz, o luar de que tu falas,

É a pulverisação lactescente de opalas...

ELYSIO

Acertaste, no emtanto...

MARTHA, *interrompendo-o :*

Emtanto, caro amigo,

Toda a vez que eu procuro estar a sós contigo

Para dizer do amor que vem triumphal sorrindo

E tão tristonho faz um semblante tão lindo,



Apenas toco o assumpto ou de manso fluctua  
Nos meus olhares leve intenção, logo a lua,  
O perfume, o meu labio, o vestido que trago,  
É o thema da conversa ou de um discurso vago...

ELYSIO, *sorrindo* :

Divagaste primeira...

MARTHA

É certo, mas agóra  
Não abrirá meu sonho as azas céos em fóra,  
Por mais voltas que dê teu cerebro inventivo  
Eu te farei voltar ao dilecto motivo...  
Não ha mais que fugir : Enaura...

ELYSIO, *sorrindo* :

Já sei, ama!  
Si a este sonho vão e ethéreo amor se chama...

MARTHA, *séria* :

Não sorrias, é mais do que isto!

ELYSIO, *serio* :

Como dizes?

MARTHA

Vão pôr um termo emfim aos dias infelizes!  
Talvez hoje, amanhã... um dia mais, que importa?  
E será noiva, ouviste?



ELYSIO, *pausadamente* :

Antes a visse morta!

MARTHA, *surpresa* :

Doido amigo, que tens?

ELYSIO, *levantando-se, agitado* :

Digo a verdade inteira!

Minha filha, casar?!...

(*Pausa*)

Plantaste a dôr primeira

Dentro em meu coração! Não te queixes, si um dia

Venha medrar aqui a atra melancolia,

Deitando em nosso lar fortissimas raizes...

(*Pausa*)

Enaura vâe pôr termo aos dias infelizes!

Um capricho lhe nasce, o é logo satisfeito,

Vôa-lhe acaso um sonho em torno de seu leito,

E logo o sonho alado é doce realidade!

Inda que um anjo fôra exilado, a saudade

Do alto céo não sentira! Aqui, tudo é carinho,

Toda a sua existencia é um tapete de arminho!

Si enferma, as frias mãos aqueço-as com meus beijos,

Deseja, e eu lhe adivinho os menores desejos!

A alma lhe sondo, escruto e pesquiso! E tu dizes :

Enaura vâe pôr termo aos dias infelizes!

Infeliz porque a adoro! Ella, infeliz! Ingrata!

É a demencia talvez que ciosa me arrebatá

Todo o thesouro meu, por minha desventura!

Outros labios ser-lhe-ão mais leves, por venturá,



Que os labios de seu pae? Acaso, outra caricia  
 Como a que dou, será isenta de malicia,  
 Núa do vil desejo?! Ah! Será bom que frizes :  
 Enaura vae pôr termo aos dias infelizes!

(*Pausa. Elysio passeia agitado.*)

Rara e preciosa flôr que numa estufa abrisse,  
 E um dia, estranha mão, profana, lhe partisse  
 O hastil, por lhe gozar o frescor de um instante!...  
 Hoje, aureo madrigal! E o açoite cortante  
 Da phrase mã silvando a colera incontida  
 Depois! E para sempre em toda a sua vida!  
 Enaura vae pôr termo aos dias infelizes!...  
 Setta alguma virá por mais certo que vizes  
 Ferir-me o coração, tão de cheio!

MARTHA, *sensibilisada* :

Perdôa!

ELYSIO, *magoadado* : .

Toda esta phrase cruel nos meus ouvidos sôa  
 Como um clarim na noite! (Com ironia )  
 Oh! Delicioso thema!

Motivo encantador! Embora a dôr suprema  
 Arranque de minh' alma os accordes plangentes,  
 Escalas de furor! Quanto isto dóe!

MARTHA, *ameigando-o* :

Que sentes?

ELYSIO, *resentido, mas em voz branda* :

Nada! Quer ser feliz fóra de mim? Que seja!  
 Hoje mesmo, é melhor... Aqui perto ha uma igreja...



Parta, fuja de mim... Mas não pense na volta  
Nunca mais! Nunca mais!

MARTHA, *brandamente* :

Porem, tua revolta

Não se explica...

ELYSIO, *triste* :

Pois váe tambem, parte comella!

Tudo aqui é silencio, escuridão e géla!

Parte, deixa-me só, só com a minha desgraça...

MARTHA

Um anno, um outro mais, mais outro e outro se passa

Sem que a sombra fatal das azas da desdita

Escureça este lar, onde a bonança habita

E onde fizemos nós um ninho de noivado!

Amei-te, e... nunca fiz meu pae infortunado...

*(Insinuando)*

Elle te amava tanto! Escuta, meu amigo,

Eu quiz tanto a meus paes, mas... vim viver contigo...

E'que um, é amor suspiro; outro, è como um soluço;

Um, é lume: outro, incenso...

ELYSIO, *intencionalmente*.

Um, vário; outro, inconcusso...

MARTHA, *risonha, passando-lhe as mãos  
pelos cabellos* :

E'voluvel o teu? Dize? Oh! Não, que eu bem sinto,

Que elle é grande e formoso! E maior do que eu pinto



E mais formoso ainda! E' como a tempestade  
Cantando em viva luz a aria da claridade!  
E'o silencio de um ninho e o echo indefinido  
Dos rumores da seiva, o anseio commovido,  
O affago de velludo, a insensatez suprema :  
E'todo um immortal, um caricioso poema!  
Mas, que digo? Eu já velha e inda a falar de amores!

ELYSIO

Velha, tu?

MARTHA, *risonha* :

Pois, então?

ELYSIO, *com intenção* :

Guardando esses ardores  
Na frescura lyrial de teu peito de arminho?

MARTHA, *mostrando o rosto* :

E estas rugas, querido?

ELYSIO

Ellas são o caminho  
Que os meus beijos conduz aos teus olhos fulgentes  
E ao cheiroso e escarlata escritorio de teus dentes...  
De resto, eu nunca as vi, por mais que me as apontes...  
Eu, sim, é que estou velho! Eu te peço não contes  
Os fios côr de prata!

MARTHA, *tomando-lhe a cabeça* :

Oh! Tão poucos ainda!



(Contando)

Um... dois... tres... quatro... cinco... E a minha conta  
[é finda...

ELYSIO, já risonho :

Tantos!

MARTHA, apontando o céu :

D'aqui a pouco, olha, é a lua que nasce :  
Terás alva a cabeça...

ELYSIO, rindo :

E em rugas tua face...  
E seremos nós dois, dois velhinhos completos...

MARTHA

A lembrar e a falar como dois indiscretos . .

ELYSIO

Diremos couzas taes, que ha de a lua occultar-se

MARTHA

Porem não de vergonha, e sim como um disfarce  
Para melhor ouvir o que dizemos...

ELYSIO, dirigindo-se á lua em ar de quem reprehende :

Lua!

Perderás o teu tempo e a espionagem tua :  
Finges-te fria embalde ! Em vão te mostras calma !  
O que eu tenho a dizer, diz-se apenas á uma alma,  
Olhar fito no olhar, num silencio absoluto,  
Pois a phrase é demais...



MARTHA, *como quem ouve alguma cousa, pondo o dedo á bocca :*

Ouves?

ELYSIO

Não!

MARTHA

Ouve!

ELYSIO

Escuto!

MARTHA

É um manso espreguiçar de vagas argentinas...

ELYSIO

E'o cicio fugaz das brisas vespertinas...

MARTHA

É sómente um preludio... É simplesmente Enaura...  
(*Ouvem-se accordes tristes*)

ELYSIO

Ouve? É o luar a descer! Vê, é um deslize de aura!

É um tristonho cair de folhas! A voz d'agua

Resando a ladainha espiritual da magua!

(*Os dois escutam, silenciosos.*)



MARTHA

Eu não te disse ha pouco? É sempre assim! Tão triste!  
Si zangaste commigo, é porque nunca a ouviste :  
Escuta, é sempre assim...

ELYSIO

Tão triste, com effeito!

MARTHA, *melancolica* : .

De tanto suspirar mais se parece um peito  
Dolorido e queixoso aquelle flébil piano!

ELYSIO, *impressionado* :

Desde quando ella é assim?

MARTHA

Vae fazer quasi um anno!

(*Pausa*)

Si eu disse aquella phrase, oh! não foi por maldade...

(*Silencio ; escutam novamente*)

Vê, faz do piano um tear em que trama a saudade,  
Que é um manto violáceo entretecido de ais,  
De alguns fios de luar e... de não sei que mais...

(*Ouve-se o adagio da sonata Ao luar  
de Beethoven*)

ELYSIO

Lembras-te?



MARTHA

Si me lembro! As notas da sonata  
Repetem-me baixinho a melodia grata  
Da phase mais feliz de toda a minha vida...

ELYSIO

Parece hontem, não é?

MARTHA

Já lá váe de corrida  
Para o Nada! Hoje, só a lembrança...

ELYSIO

Que é tudo!  
Lembrar é reviver! É pisar no velludo  
Das suaves emoções! É fazermo-nos creanças  
E brincar outra vez com sonhos e esperanças!...  
É tão bom recordar...

MARTHA

Tão bom!...  
(*Silencio. A ballada continúa*)

ELYSIO

Naquelle dia  
Tinhas uma tão grande e intensa nostalgia...  
Os anjos são assim, têm saudade do céu!...

MARTHA, *interrompendo-o* :

Naquelle dia qual? Foram tantos!



ELYSIO, *sorrindo* :

Que véo  
Te perturba a visão da memoria ?

MARTHA, *como quem se lembra* :

O do beijo ?

ELYSIO

Sim, o das nupcias d'alma e o de primeiro harpejo  
Do eterno concertante ameno das caricias,  
Que cantamos os dois na vida de delicias,  
Em que o Fado nos traz um ao outro ligados...

MARTHA, *supersticiosa* :

Por que não dizes Deus, querido, em vez de Fados ?  
É elle quem nos dá tanta paz e ventura...

ELYSIO, *animando-se* :

Sim, Deus... Mas, que feliz noivado! Que loucura!  
Que divina embriaguez!... Tu estavas tocando :  
E aquelle turbilhão de sons, aquelle bando  
De notas transformava o aposento em colmeia...  
Pela janella aberta a luz da lua cheia  
Penetrava indiscreta e aclarava o teu busto!  
Olhei-te muito, muito, e de vagar, a custo  
A equilibrar-me, entrei sem que houveses sentido,  
Depois, pé ante pé, nervoso e commovido,  
Dei-te um beijo na nuca alva, cheirosa e núa...



MARTHA, *a sorrir* :

Tive susto... mas tu : « Pensei que fosse a lua...  
Perdôa... » E, logo após, beijavas-me outra vez...  
Estava muda, fria, e de tal pallidez,  
Que pensei que ao teu beijo a vida me fugia...  
Si ainda me recordo! E se me lembra o dia!

*(Ouvem novamente)*

ELYSIO

Ouve, é a mesma sonata.

MARTHA

A mesma.

ELYSIO

O mesmo accento,

A mesma languidez!

MARTHA

O mesmo sentimento...

*(Pausa; com intenção)*

É porque tambem ama!...

ELYSIO, *estremecendo* :

Ella!

MARTHA

Sim...

*(Silencio; a sonata soluça)*



ELYSIO, *indo á janella.*

Lindo luar!

(*Como que falando consigo em ar de magua.*)

É eu que nunca pensei que ella viesse a casar!

MARTHA

É o luar que está cantando...

ELYSIO, *sem ouvil-a :*

Afinal, é o destino!

MARTHA, *ouvindo a musica :*

Que morbidez de embalo!

ELYSIO, *preoccupado :*

E eu que nem imagino

Quem venha ser senhor daquella alma?

MARTHA, *a Elyσιο.*

- É um segredo

Esta musical

ELYSIO, *distrahido :*

Sim... Mas é ainda tão cedo!

MARTHA, *chamando-lhe a attenção :*

Sempre que havia luar, pedias a sonata...

ELYSIO, *vollando a si :*

Pedia? Eu te implorava até...



MARTHA, *risonha* :

Pobre insensata  
Que eu era então! Pois, tu repetias a scena  
Do beijo...

ELYSIO

E tu, do susto...

MARTHA, *risonha* :

É mentira!

ELYSIO

Condemna

A tua formosura e o luar...

MARTHA, *intencionalmente* :

Eu só censuro  
Teu egoismo e mais nada!

*(O silencio pésa, cortado pela sonata)*

Enaura ama! Eu te juro!

Faze numa palavra um coração ditoso,  
Dá-lhe num gesto só a noticia do goso  
De um noivado feliz... Pois, não és tu feliz?  
Lê-se no teu olhar e é o teu labio que diz...

*(As notas são flebcis, numa doçura  
de ribeiro corrente.)*

Ouve! É a harmonia idéal da nossa mocidade!  
Vê, é a extincta emoção que volta e nos invade!  
E' o echo musical dos teus primeiros beijos ..  
Olha, é a vaga fluidez dos primeiros desejos...



Si queres apagar no peito o amor que lhe arde,  
De que se lembrará, dize, a pobre mais tarde?  
Viver sem recordar é tão triste! Imagina  
Que a flôr desabrochou...

ELYSIO, *interrompendo-a* :

Porem, é tão menina!  
E isto aqui? Solidão sem som de sua voz!  
Dize, si ella nos deixa, e que será de nós?  
Esta casa será sepulchro num deserto :  
Tudo tristonho!...

MARTHA

Sim! mas si ella ficar perto?

ELYSIO, *meio vencido* :

Porem... depois...

MARTHA, *interrompendo-o* :

Depois? Quem sabe do futuro?  
Morreremos talvez! Eis ahí o que auguro,  
E deixamol-a só, ouviste?

ELYSIO, *abalado* :

E's pessimista!

MARTHA

São as simples razões que uma alma cauta avista :  
Vê, começa a estiolar-se, e a soffrer tanto, tanto,  
Que o seu riso, si ri, é já rictus de pranto.

(Pausa : a sonata vae expirando)



Ella será fecunda! E nós dois, satisfeitos,  
Vendo mais um amor nascer de nossos peitos,  
Viver, medrar, florir, e rebentar em fructo,  
E após, se eternisar em outro e outro producto,  
Amar-nos-emos mais, sentindo a alma eadeia  
Espiritual, creseer de élo em élo; a aurea teia  
Do amor mais luminosa e forte! E sentiremos  
Um eóro eelestial de affagos e de extremos!  
E, velhinhos, nós dois, em caminho da morte,  
Guardaremos ainda a illusão de ser forte,  
Vendo que tanta vida irradia de nós!...  
Somos como a raiz : o troneo, o ramo, e após  
Fina vergonhea e flôr e fructo naseerão  
De nossa alma, de nosso immenso eoração,  
E teremos de faeto o orgulho da raiz!

ELYSIO, *com voz tremula* :

Pois, sim... Que ella se ease... e que seja feliz...

*(Martha sai a correr, enquanto Elysio fica pensativo,  
à janella. A sonata tem expirado)*

PANNO



3852



JESUS

3.





## SONETO

A' MEMORIA DE ARISTHEO DE ANDRADE

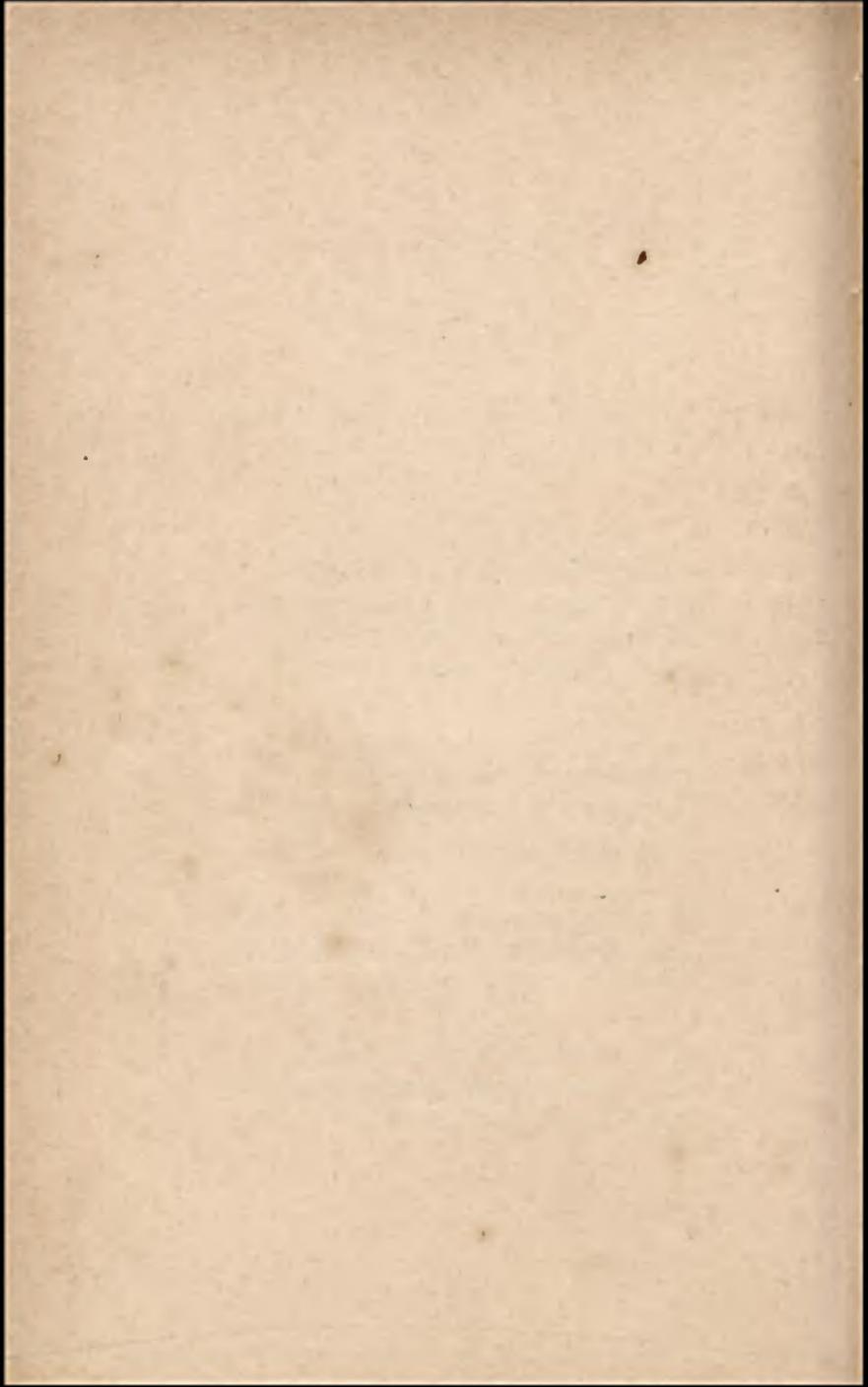
O teu querido poema inacabado  
Ao fim chegou em paz e salvamento :  
Releva pois um tal commettimento  
De uma saudade intermina gerado.

Fez-nos a sorte irmãos, mas quiz o Fado  
Existissemos juntos um momento :  
Porque na vida cabe um só contento,  
De mim foste bem presto desatado.

Desde este passo o meu suspiro echôa,  
Que eu de fundas tristezas me mantenho,  
Nem dôr eu sentirei que mais me dôa!

Dei a este livro tudo quanto tenho :  
— Si é pouco, muito pouco, irmão, perdôa,  
Sobra a vontade onde fallece o engenho.





## PERSONAGENS

---

JUDAS

MARIA DE MAGDALA

A SAMARITANA

JOEL, paralytico.

BARTIMEO, cego.

Um leproso.

Um Sacerdote do Templo.

Um rapsodo.

A mulher de Dimas.

ZERES, creada de Magdalena.

ARSINOË, creada de Magdalena.

Um decurião, dez soldados, forasteiros.

*Epoca : 30 a 33 de nossa éra.*

---



## SCENARIO

---

*Camara de Maria Magdalena em octogono. Das paredes do aposento pendem estofos de seda cor de ouro e violeta. O tecto é de madeira branca esculpida. Tapetes de Smyrna cobrem o mosaico de lazulite e marmore amarello. Dois tremoz estão carregados de espelhos e um monopodio sustem vasos egypcios de ouro lavrado, cheios de pomadas aromaticas e de essencias. Magdalena reclinada em um pequeno leito de sandalo e madreperola, veste ampla tunica de lã branca. Pelas portas dos fundos se entrevê o terraço sobre o qual se suspende um velario de trama diaphana. E' dia ainda em Jerusalem.*

---



# JESUS

---

## ACTO PRIMEIRO

---

### SCENA I

MAGDALENA, *para as creadas :*

Bem bonita, Arsinoë, desejo hoje fazer-me.

ZERES, *alisando-lhe os longos cabellos depois  
de embebel-os de oleo aromatico de cinamomo e nardo,  
para Arsinoë que lhe amacia a cutis com miolo  
de pão e leite de jumenta :*

Preparar-se uma flôr para o pasto de um verme...  
Que penal!



ARSINOË, *à Zeres :*

E' sempre assim. A antithese se mostra  
Em tudo e a cada passo : — as perolas na óstra,  
O verme sobre o lyrio, o lyrio sobre a lama...

MAGDALENA, *alhejada e absorta num sonho :*

Não tardará em vir quem minh'alma reclama :  
Donairoso e gentil como a cõrsa do monte...  
« A sua mão esquerda ha de amparar-me a frente,  
Emquanto que a direita ha de abraçar-me... »

ARSINOË, *enxugando-lhe o rosto delicadamente :*

Agora

Deixa que te avellude estas faces, Senhora,  
— Desespero da rosa e inveja das opalas...

MAGDALENA, *fechando os olhos com volupia :*

Ao de leve, Arsinoë, pódes avelludal-as;  
Tingil-as-ei depois na purpura do pejo,  
Quando morno sentir o perfumado beijo  
Do lindo amado meu...

ZERES, *polvilhando-lhe a cabelleira :*

Como os ouros do poente  
E' o teu cabelle astral, macio e rescendente.

MAGDALENA, *mal escutando-a :*

Quando o esposo meu vier, deitará seu divino  
Corpo, neste alfombrado e louro frouxel fino!...



ARSINOË, *embebendo uma esponja numa cratera de ouro lavrado, transbordante de essencia, para perfumar-lhe o rosto :*

O perfume do nardo é o incenso mais dilecto  
Que se pôde queimar sobre a pyra do affecto...

ZERES, *com bregeirice :*

Accelera a volupia e requinta o deleite...

MAGDALENA, *mal escutando-as :*

Mais que o nardo trescalla o seu corpo de leite...  
Mais perfuma o rubi de seus labios cheirosos,  
Do exquisito sabor dos pomos saborosos...

ARSINOË, *dispondo-se a pintar-lhe os labios a carmim diluido em essencias de rosas :*

Dispensas o carmim?

ZERES, *para Arsinoë :*

Seus labiões de rubi  
Enciumam o lodão dos valles do Engaddi...

MAGDALENA, *absorta ;*

Despeito da romã é a minha bocca... Seja  
Pois para o esposo meu mais doce que a cereja...

ARSINOË, *com finissimo pincel vae bistrar-lhe as palpebras :*

De negro vou bistrar-te as palpebras rosadas,  
Para que brilhem mais que laminas de espadas  
Os teus olhos azúes...



ZERES, *para Arsinoë* :

Seus olhos não carecem,  
Trazem luto em redor...

MAGDALENA, *com magua* :

Lyrios róxos florescem  
No meu rosto depois que vim para esperal-o...  
Dês que pela saudade eu vago a procural-o...

ARSINOË, *calçando-a em achazins de  
seda azul broslado a perola* :

Ao calor de teus pés, goze, suspire e gema  
A sêda do achazim...

ZERES, *acabando de arranjar-lhe os  
cabellos e offerecendo-lhe á escolha diversos diademas* :

Escolhe o diadema :  
De esmeralda, de onix, de opala ou de turqueza?

MAGDALENA, *pensando em Jesus* :

Prefiro o que melhor traduzir a pureza  
De seus olhos de céu...

ZERES, *collocando-lhe um diadema de turqueza  
engastado em ouro fôseo* :

Em formosura és unica,  
Ninguem póde exceder-te!

ARSINOË

Escolhe agora a tunica :  
Malva, rosa, amethysta, azul ou côr de hyacintho?  
De purpura de Tyro ou sêda de Coryntho?



MAGDALENA, *pensando em Jesus* :

De amethysta, Arsinoë, que é da côr de seu manto....

ARSINOË, *vestindo-a* :

Que suavissimo olôr! Cheira á myrra de Oranto!

ZERES, *mirando-a* :

Como te fica bem! E' como um peplo régio;  
Faz receiar até que possa um sortilégio  
Recair sobre ti, pois que a tudo preferes...

ARSINOË, *dando-lhe um ultimo retoque ao cabello* :

Olha, que linda estás.

MAGDALENA, *á Zeres* :

Dá-me um espelho, Zeres.

ZERES, *dando-lhe um espelho de prata polida* :

A pallida Asthoreth por certo brilha menos :  
Excedes, acredita, em formosura á Venus  
Dos Gregos...

MAGDALENA, *á Arsinoë* :

Vae buscar pastilhas de Niceras.

(*á Zeres*)

Si não fôras mulher, Zeres, tu me quizeras  
Para ser tua amante?



ZERES, *com sinceridade e galanteria* :

Oh! Sim! Pois me deslumbras :  
E's um astro a luzir, na nevoa das penumbras!  
Deve ser bem feliz aquelle que te sente  
De si, de ninguem mais, só, exclusivamente...

MAGDALENA, *no extase de uma ternura sem termos* :

Elle é o meu senhor! Eu o sirvo de joelhos,  
Aromando-lhe os pés com meus labios vermelhos,  
Pobres pés a sangrar nas pedras dos caminhos,  
Negros de lama e pó, de chagas e de espinhos!  
Si elle vier dormirá nos lençoes perfumados  
De um leito de jasmims e cravos desfolhados...  
Junto ao brando calor de meu corpo macio  
Elle não sentirá desconforto nem frio...  
Vem, doce amado, vem, que os meus labios te esperam,  
Meus olhos de esperar já se entenebreeceram...

(Chora)

ZERES, *ameigando-a* :

Não te entristeças não; ficas feia... sorri...

MAGDALENA, *ás escravas* :

Quando Judas chegar, trazei-o para aqui.

(As escravas saem)



## SCENA II

MAGDALENA, só; ouvem-se no aposento contiguo sons de kinnors, de cytharas e nablios. O crepusculo chega.

O crepusculo vem cinereo e somnolento  
Em crepes envolver o azul do firmanento!  
Já por traz da montanha a luz se esbate agora  
E o violaceo do poente aos poucos deseolora.  
A noite vae chegar negra, profunda e calma,  
Casando á sua treva, a treva de minh'alma...

*(Os nablios, as cytharas e os kinnors amortecem  
num deliquio de sons)*

Sempre triste! E por que? No meu solio floresce  
Tudo, tudo, talvez que o meu sonho appeteece :  
A purpura de Tyro, o leito aureo e macio,  
Joias e pompas reaes, escravos, senhorio...  
Para de orgulho encher os olhos de um tetrarcha.  
O que meu sonho audaz na phantasia abarea,  
Como aos pequenos pés de uma filha de deuses,  
Precipite me traz, pela estrada de Eleusis,



A minha côrte vil de reis e potentados,  
Servos de meu amor, submissos e humilhados!...

*(As tocadoras param de tocar por um instante e recommçam numa melodia quasi imperceptivel)*

A tristeza, porem, a minh'alma conturba  
Desde o instante em que o vi á esfarrapada turba,  
Serenos como um Deus, em voz pausada e triste,  
Brandamente dizer : — « O eterno bem consiste  
No reino de meu Paee... Si o desejaes, amae-vos... »  
Pelos cabellos de ouro o sol dava-lhe uns laivos  
De uma aureola real! Seus olhos se embeciam  
Em extase nos céos, e seus labios sorriam,  
Como devem sorrir na gloria os do Senhor!

*(Erguendo-se do leito e levando a mão ao coração)*

Senti-me transformada e o meu febreto amor,  
Torpe como um chacal, tornou-se um cordeirinho,  
Um anho virginal mais puro do que o linho,  
Que as donzellas de Sião desfiavam em seus teares  
Para vestir de branco a pedra dos altares.

*(Com melancolia)*

E ninguem... Ninguem mais compartiu do meu leito!

*(Numa tristeza crescente)*

Em scismas rebentou a aridez de meu peito,  
Dantes escampo e nú, como esteril deserto,  
E esse tempo que foi, vi de novo bem perto,  
Numa ressurreição risonhado passado,  
A transportar-me em sonho, ao periodo alado  
De outra idade feliz, quando, formosa e pura,  
Eu era a mais querida e ingenua creatura



Do meu lindo paiz, de minha Galliléa!

*(As escravas deixam de tocar)*

Minlia terra natal, tu me trazes á idéa,

Antes, ao coração, a mais doce lembrança

Do paterno casal onde eu folgava em creança...

*(Scisma. As escravas tocam em surdina)*

Elle é tambem de lá, de Nazareth... Quem sabe?

Bem pôde ser talvez que a nossa vida acabe,

Juntos, nesse logar onde nascemos...

*(Com arrebatamento, como que a repellir um  
sonho importuno)*

Basta!

Estás louca? mulher. Estes sonhos affasta...

*(Para as escravas desabridamente)*

Enoë, Zeres, Esther, vamos, quereis tocar

Mais alto?

*(Os instrumento soam com força)*

Assim! Assim! Quero me atordoar...

*(As notas vão aos poucos morrendo numa flebilidade  
de sons. A noite éae por completo)*

O velario affastae, quero ver as estrellas

Pontilhando de luz a noite...



### SCENA III

A MESMA E JUDAS DE KERIOTH, *trajado á moda judaica  
e envolto num manto de noite.*

JUDAS, *entrando e havendo percebido as ultimas phrases*

Pódes vel-as  
Sobre ti mesma, ó flor de nacar e de leite,  
No teu languido olhar, unctuoso como o azeite,  
Que alimenta no Templo as lampadas sagradas  
E tem a placidez das noites estrelladas,  
Que a lympha de Cedron reflecte... -

MAGDALENA, *sorrindo :*

Lisongeiro!

JUDAS, *graciosamente :*

Mente como uma flôr essa bocca vermellia  
Em me tomando assim...

MAGDALENA, *sorrindo :*

Astuciosa abelha...



JUDAS, *indo para beijal-a* :

A abelha vae sorver na flôr do pecegueiro  
O nectar da corolla, o doce mel sylvestre.. .

MAGDALENA, *esquivando-se com amúo* :

Judas!

JUDAS, *cariciosamente* :

Foges assim como a côrsa campestre  
Ao laço tentador que te arma este desejo...  
Tu me desprezas?

MAGDALENA, *indifferente* :

Não...

JUDAS, *com meiguice* :

Amortalha meu beijo  
No cheiroso carmim de teus labios macios...

MAGDALENA, *repellindo-o* :

Sáe.

JUDAS, *tomando-lhe as mãos; com voz supplicante* :

Não queiras conter a corrida dos rios  
Que affluem para o mar... Meus desejos são elles...

MAGDALENA, *meio colerica* :

Vae-te, deixa-me em paz!

JUDAS, *com resentimento* :

Como! Então me repelles?



MAGDALENA, *com enfado* :

Ninguém póde furtar-se á sua hora de tédio...

JUDAS, *com intenção* :

No beijo que eu te der, tu acharás remedio,  
Ja.que é sêde de amor o mal de que tu soffres...

MAGDALENA, *tristemente* :

Não me a pódés curar...

JUDAS, *desistindo do proposito de beijal-a,*  
*tira de sob a capa dois cofres de sandalo que, abertos,*  
*patenteiam á luz das tripodes irradiações polychro-*  
*maticas de pedras preciosas.*

Maria, olha estes cofres...

(*Entrega-os*)

MAGDALENA, *mirando os collares e bracelete com*  
*alegria infantil* :

Ai, que lindos que são! Lyncurios e beryllos...

JUDAS, *num madrigal* :

Do scismativo azul dos teus olhos tranquillos  
Como o Genezarethi, de turquesinas aguas...

MAGDALENA, *o mesmo gesto* :

Amethystas!

JUDAS, *o mesmo* :

Da côr das saudades e maguas,  
Da violeta que flore em torno de teus olhos!



MAGDALENA, *o mesmo* :

Esmeraldas!

JUDAS, *o mesmo* :

O mar que os hispidos escolhos  
E os hiulcos cairéis, onde morre a esperança,  
Esconde sob um ar de calma e de bonança.

MAGDALENA, *o mesmo* :

Opalas iriaes, sardonios amarellos  
De ouro fulvo...

JUDAS

O teu rosto e a côr dos teus cabellos...

MAGDALENA, *parecendo ouvil-o* :

Onixes, o pezar que me punge e devora,  
A noite de minha alma...

JUDAS

O amor é uma aurora!

MAGDELENA

Granadas e rubis...

JUDAS

São as paixões que agitam.  
Meu pobre coração...

MAGDALENA, *ouvindo-o* :

As que raivosas gritam



Aqui dentro do meu — num mar encapellado!  
E' um presente de rei...

JUDAS, *com simplicidade* :

Por ser de teu agrado...

Agora o beijo, sim?

*(Sorrindo e inclinando-se para beijal-a)*

MAGDALENA

Um beijo? Só por isto?

Com esta condição... eu da offerta desisto...

JUDAS, *com amargura* :

Maria, tu que és bôa e meiga; tu que trataas  
Aos outros com brandura, a mim torturas, matas...  
Odeias-me talvez?

MAGDALENA, *com indiferença* :

Nem te odeio, nem te amo...

JUDAS, *com vivacidade* :

Então amas a alguém?

MAGDALENA, *sorrindo ironicamente* :

E's ciumento?

JUDAS

Reclamo

A certeza cruel que vao ferir-me o peito.



MAGDALENA, *sorrindo* :

Pois não amo a ninguém.

JUDAS

Mas franqueias teu leito  
A'quelles que aqui vêm... Quanto a mim que te adoro...  
Repelles-me a zombar... Entretanto eu te imploro...

MAGDALENA, *interrompendo-o* :

Não me merece amor quem me exproba o peccado.

JUDAS

Não condemno jamais o que tenho implorado...

MAGDALENA, *com amarga ironia* :

Não se deve implorar aquillo que se vende :  
Desejas o meu corpo? Elle a nardo rescende  
E tem o róseo alvor dos marmores do Euphrátes,  
Meus labios aromães são rosas escarlates...  
Os meus dois seios são duas pombas de arminho,  
Que juntas a arrulhar num fôfo e olente ninho,  
Nos seus bicos sustêm dois bagos de romã...  
Meus olhos são a luz da estrella da manhã  
Preste a desfallecer num deliquio de gozo...  
O meu cabello é um manto esplendido e cheiroso  
Como as sêdas que vêm de Tyro e de Sidon...  
Meu todo, emfim, é um vinho embriagante e bom  
De rosas de Schiraz, muito exquisito e raro...  
E por isto, bem vês, deve custar-te caro...

6.



Paga e logo tel-o-ás...

*(Judas vae fallar-lhe, ella porem, o  
interrompe, exaltada)*

O meu amor, porem,  
Esse, eu te o juro aqui, não n'ó terá ninguem!  
E' uma restea de sol que um carcere alumia,  
Sonho que se fez luz, enlevo que inebria,  
Tortura que me punge e que me purifica,  
Delicia que atordôa e dôr que não se explica.

JUDAS, *com desespero* :

Amas então, Maria?

MAGDALENA, *com amargura* :

A ninguem. Já t'ó disse.

JUDAS, *exaltado* :

Porem, falas no amor como se elle existisse  
Em ti propria, mulher...

MAGDALENA, *somnambulamente* :

Elle existe e não finda...  
Sinto que vou amar... porem... não amo ainda...

JUDAS, *perplexo e confuso* :

Que queres tu dizer?

MAGDALENA, *enlevada* :

O amor vive em meu seio,  
Mas não amo porque o que hei de amar, não veio  
Sorrindo para mim, formoso e desejado...



JUDAS

Mas este quem será?

MAGDALENA, *distrahida num seismar* :

O meu esposo amado  
Virá apascentar seu rebanho entre lyrios...

JUDAS, *dolorosamente* :

Virá mais uma dôr ajuntar aos martyrios,  
Que cercam a paixão que me doma e suffoca...

MAGDALENA, *sem escutal-o* :

A doçura do mel mora na sua bocca...  
O seu desejo em mim será como um cordeiro  
Bem mansinho a pastar no meu floreo canteiro  
De rosas e jasmins, de lyrios e açucenas...

JUDAS, *tomando-lhe as mãos, com  
agonia supplicante* :

Maria, por piedade! O peito me envenenas...

MAGDALENA, *retirando-as com violencia* :

Oh! Deixa-me sonhar!

JUDAS, *com desespero* :

Mas o teu sonho mata!

MAGDALENA, *como que falando consigo mesma* .

Mata? elle tem razão : — Enternece e maltrata,  
Delicia e embriaga! Acalma e desespera!...



JUDAS, *em voz supplice* :

Sê minha, pois...

MAGDALENA, *com melancolia* :

Não posso! Entretanto quizera  
Poder retribuir teu exaltado affecto,  
Unir-me a ti, ser tua, inteira, por completo!  
Ditosa, descançar para sempre em teus braços,  
Dessa vida lethal de orgias e canções...  
Muito longe d'aqui...

JUDAS, *com infinita ternura* :

Vem! Felizes seremos,  
O caminho orlarei de trevo e cysanthemos,  
Oh! Rosa de Saaron! Armarei nossa tenda  
Nos valles do Jordão, onde em flôres se estenda  
O campo mais cheiroso, onde corra mais clara  
A lympha do Siloam, e a redoirada seara  
Agite-se a cantar, sob o peso dos ninhos...  
Ahi, quero dorimir junto aos doces arminhos  
De teu corpo aromal, que a sandalo rescende,  
Sob a cupola azul, que sobre nós estende  
O turquesino céu deste ameno paiz...  
— Terra da Promissão, onde serei feliz,  
Nos teus labios bebendo o dulcido licor  
Que exalta e que remoça : a ambrosia do amor!...

MAGDALENA, *com tristeza* :

Si eu te pudesse amar, como feliz seria!

(*A Judas, sorrindo*)

Judas, faze um milagre...



JUDAS, *exaltado* :

Eu o farei, Maria!

MAGDALENA, *sorrindo* :

Dá-me un philtro de amor...

JUDAS

Irei muito distante

Procural-o, e talvez...

MAGDALENA, *mal disfarçando a idéa  
constante de ver Jesus* :

Falam num nigromante,  
Jesus de Nazareth... esse que faz milagres...  
Póde ser...

JUDAS, *interrompendo-a* :

Tral-o-ci! Quero que me consagres,  
Ao menos, amizade, e um dia tambem ames...

MAGDALENA, *interrompendo-o* :

Vãe buscal-o...

JUDAS

Eu irei, comtanto que te inflammes  
Na chamma que em mim lavra e o peito me consome  
(*Sãe precipitadamente*)



## SCENA IV

MAGDALENA, só, erguendo-se do leito e estendendo  
as mãos aos céos num extase feliz :

Graças te dou, Senhor! Abençôo o teu nome!

*(Pausa prolongada)*

Elle virá? Talvez... A esperança é uma vaga  
Que se avoluma e cresce e o sofrimento alaga  
Num banho salutar de alegria e conforto!  
E' como sobre a paz das aguas do Mar-Morto  
A mirifica luz de luares transparentes,  
Um balsamo que sára os espiritos doentes  
Pelos choques brutáes dos embates da vida :  
O remorso, a paixão, e o tédio, essa ferida,  
Que o estylête, da dôr nos abre dentro d'alma!

*(Pausa)*

Elle virá? Quem sabe!?! Em vão procuro a calma  
Através da illusão, no amargo da incerteza,  
Emquanto que a maré montante da tristeza  
Arrasta e sobrepuja a vaga da esperança,  
E sobe, e sobe mais... ora se encrespa e avança,



Ora espuma e referve, ora foge medrosa,  
Num impeto febril, numa ancia dolorosa  
E o tempo vae fugindo... e o tédio vae descendo  
Sobre o meu coração, um barathro tremendo,  
Que me suscita horror, commove e causa nojo!...

(Com exaltação)

Mysteriosa flôr que medraste num fojo!  
Insoffrida paixão que me doma e tortura!  
Doce estilha de sol, clara, radiosa e pura!  
Tomba, morre, desmaia e apaga-te de todo!  
Cessa de illuminar a abjecção de meu lôdo!  
Deixa de perfumar minh'alma corrompida...  
Morre, sagrado amor, casta illusão querida...

(Ouvem-se vozes frescas de raparigas  
que vêm da ceifa)

VOZES

Foi na ceifa, ao sol desfeito,  
Que á Ruth, com terna voz :  
« Participa de meu leito »  
Um dia disse Booz.  
Amados do nosso peito,  
Quando direis isto a nós?...

MAGDALENA, *escutando com enlevo a singela  
canção das raparigas :*

Não ser pura! Não ser como essas raparigas,  
Que passam a cantar ao peso das espigas,  
Na luz do entardecer, pensando nos amantes  
Que as esperam na veiga, anciosos e anhelantes...



VOZES, *mais distanciadas* :

Amados do nosso peito  
Quando direis isto a nós?...

MAGDALENA

Quem me dera poder cantar ao sol no poente,  
Penserosa a scismar no meu amado ausente,  
Naquelle que ha de vir, jovem, sereno e lindo,  
Na aza alegre do sonho o plaino azul scindindo.

VOZES

« Participa de meu leite. »  
— Um dia disse Booz...

MAGDALENA

Ai, quem dera voltar áquella idade de ouro,  
Em que mais pura fui que os pudicos jasmims!  
Pobre — tinha por peplo o meu cabello louro  
E de pelle de gamo uns rudes achazjns...  
Sobre a espadua amparando a minha amphora esguia,  
Na fonte murmurosa ia enchel-a a cantar,  
Na doce placidez da tarde, que morria  
Entre as côres do poente, ao deliquio solar!  
Doce quadra feliz! Casta e formosa idade!  
Pulchra, como uma flôr que as petalas descerra,  
Nostalgica do céo, espalhava na terra  
O aroma virginal de minha castidade...

## SCENA V

A MESMA E ZERES

ZERES, *entrando* :

O sacerdote Hannah!

MAGDALENA, *com aborrecimento* :

O velho crocodillo!

O nojento caïman que a alluvião do Nilo  
Obrigou a emigrar para Jerusalem!  
Não quero vel-o aqui! Vae dizer-lhe...

ZERES, *parecendo hesitar* :

Porem...

MAGDALENA

Estou doente, bem vês; não posso recebel-o...  
Vãe, dize-lhe que não... procura convencel-o...

VOZES, *muito ao longe* :

Amados do nosso peito  
Quando direis isto a nós?...



MAGDALENA, *com tremura na voz* :

Ouves? Vão a cantar! Bem felizes aquellas,  
Virgens de alma de flor; puras como as estrellas,  
Sempre a crer e a esperar nos noivos, que hão de vir,  
Anhelantes de amor, em grinaldas cingir,  
Nas festas do Hymineu, as suas fronte alvas,  
E no leito nupcial, trescallante de malvas,  
Recolherem, febris, o pino desejado...

(Chora)

ZERES, *num tom reprehensivo* :

Porque choras, Senhora? Em lagrymas banhado  
Tens os rosto gentil... Por que choras, Senhora?

MAGDALENA, *soluçando* :

Oh! sou muito infeliz!...

ZERES

Deuses! Maldita a hora

Em que esse Gallileu se mostrou a teus olhos!  
E a vida te erriçou de rispídos abrolhos!  
Ah! Não sorriste mais! Como uma ave viúva  
Tu vives a gemer! Cão incessante a chuva  
Das lagrymas sem fim por teu divino rosto!  
Sobre a tua alma paira a nuvem de um desgosto,  
O cheiroso carmim de tua linda bocca  
Começa a descorar!... Tu me pareces louca,  
Inconsciente, a dizer palavras sem sentido...  
Quererás tu morrer?

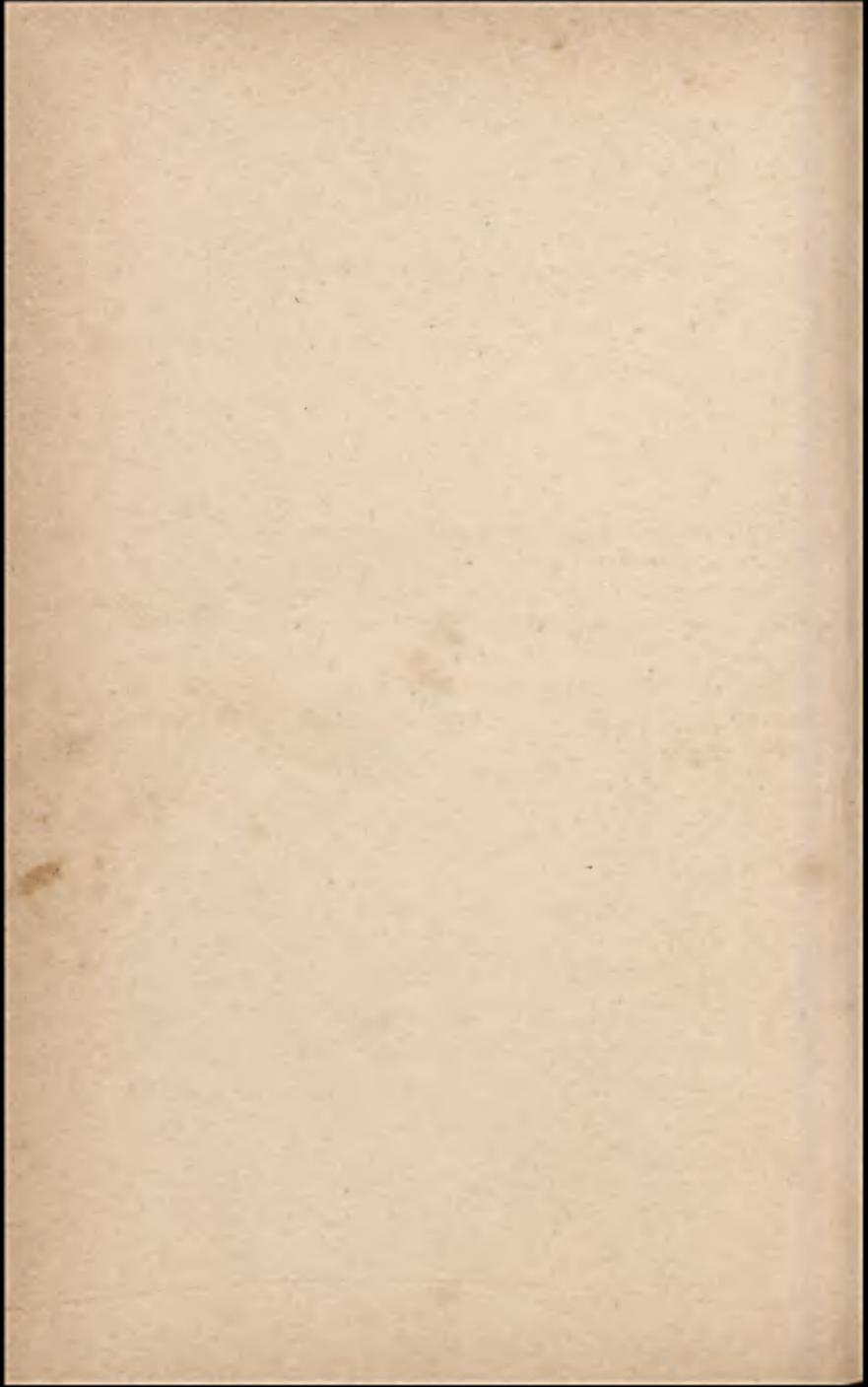
---

MAGDALENA, *reprimindo um soluço* :

Si eu tivesse morrido,  
Zeres, logo ao nascer, como feliz seria...

*(Zeres abraça-a, consolando, enquanto  
o panno desce lentamente)*





## ACTO SEGUNDO

---

### SCENARIO

*Poço de Jacob, onde vêm ter dois caminhos, um dando para o deserto, outro para a cidade de Sichem. Ao levantar do panno a Samaritana está sentada no respaldo, como que absorta. Dois peregrinos com bordões e vestes de jornada, vêm cada qual por um caminho, e encontrando-se na encruzilhada, descem juntos. A' borda do poço, á esquerda, ergue-se un cypreste tristemente pendido. Ao fundo, longe, apenas apparecem as casinhas de Sichem.*

---





## SCENA I

BARTIMEO, JOËL e A SAMARITANA

BARTIMEO, *saudando* :

Hajas gozo, senhor!

JOËL

A paz seja contigo.

BARTIMEO, *descendo ao proscenio* :

De longe debes vir?

JOËL

Sim, de bem longe, amigo,  
E dirijo-me a Sião : — Levo balsamo e incenso  
Para a Paschoa. Atravesso este deserto immenso,  
Ha quasi cinco sóes, sem ter fome e canção!  
Com que prazer prosigo a viagem, passo a passo,  
Os vallados saltando e transpondo as ravinas!  
Ora, na varzea em flôr, ora pelas colinas...  
Busco os ermos grotões aos ardores do dia  
Fugindo, e pela noite ao clarão, que irradia



Dos astros, continúo outra vez a jornada !  
Ja viste a vastidão negra e paralyzada  
Do torvo Mar de Loth? Assim eu : quantas vezes  
Immovel me quedei, vendo voarem os mezes,  
Numa triste e angustiada impassibilidade,  
Com o mesmo céo no olhar, a um canto de cidade  
Preso, ouvindo o tropel das longas caravanas  
Pelas fraldas colleando, através das savanas,  
Ou vendo o rasto no ar de azas de aguias possantes,  
Frechando o espaço azul para os cerros distantes.

BARTIMEO

Como saraste então?

JOËL

Jesus...

BARTIMEO, *interrompendo-o* :

Que a densa treva  
Dos olhos me affastou, mostrando o céo que enleva  
A vista e o coração?! Ha cinco sóes caminho  
Para Jerusalém, guardando inda o carinho  
De sua voz celestial!

JOËL

Tu tambem o conheces?

BARTIMEO

A Elle tão sómente envio as minhas preces...  
Eu era cego... e vejo!



JOËL

Eu... entrevado, e ando!

A SAMARITANA, *com curiosidade, como que despertada* :  
Acaso é de Jesus de quem estâes falando?

BARTIMEO

Sim, mulher, de Jesus.

A SAMARITANA, *a Bartimeo*.

E de onde vens, viandante?

BARTIMEO

Eu venho do occidente.

A SAMARITANA, *a Joël*.

E tu?

JOËL

Eu, do levante.

A SAMARITANA, *como que falando consigo mesma* :  
Elle sempre! Elle em tudo! Elle a todo o momento!  
Fonte de minha fé, causa de meu tormento.  
Onde pois, o encontrar? Si em toda a parte é visto...

JOËL

É um propheta, mulher...



## BARTIMEO

Mais que um propheta : é o Christo!  
Conheces o candor de seu rosto sereno,  
A luz de seu olhar?

## A SAMARITANA

## Falas do Nazareno?

Desde o instante em que o vi, uma saudade infinda  
Me acompanha... nem sei si o que sinto é saudade,  
Tristeza, amor, pezar, sonho, felicidade,  
Si esperança de que poderei vel-o ainda!...  
Sei, que deixo o casal e venho, campo fóra,  
Com os passaros do céu e com os fogos da aurora!  
Sei, que tudo isso aqui me fala delle, tudo!  
— De seu passo divino — essa estrada; os rumores  
Da agua — de sua voz; e esse cypreste mudo  
— Fala de seu silencio e dos seus amargores...  
Minha bilha me diz — de seu labio suave;  
O meu perdido olhar — de seu formoso vulto;  
Diz de sua pureza — a flor sylvestre e a ave;  
E oppresso, o coração me fala de seu culto!...  
Seja Christo ou propheta : amo-o sem saber como,  
Num extase feliz ou num furioso assomo  
De desejo ! O que sei é que o amo ! Sim, é que o amo  
Como a ovelha ao pastor e como a folha ao ramo...  
Elle virá? dizei...

## JOËL

O seu reino é lá em cima,  
E voltará em breve á plaga azul e opima,  
De eterna luz, de eterna paz e de ventura,  
Onde não medra o mal ou fementida jura!



*A SAMARITANA, com ingenuidade :*

Mas, enquanto não volta, elle por que não goza  
As delicias da vida em labios eôr de rosa?  
Olha, si tão depressa elle não fosse, eu via  
Que nunea, nunea mais de mim se affastaria...

*BARTIMEO, num tom reprehensivo :*

Mulher, o gozo é da alma e não da carne. Ouviste,  
Por ventura, a palavra illuminada e triste  
Que fluia de seu labio?

*A SAMARITAMA*

Ouvi, que me falava :

Sua phrase era gelo, e seus olhares, lava!  
Parece que lhe ouvi dizer do eóo elemente...  
Mas senti-lhe melhor a mão tremula e ardente  
Por vezes me toear a espadua núa e esquivã...  
Falou-me de perdão, de paz, de uma agua-viva  
Que não seeeava mais... E estas cousas formosas  
Passaram-me no emtanto em ondas tumultuosas,  
Fieando só no ouvido a musica solemne  
De sua voz eantando a harmonia perenne  
De uma vida de amor!

*JOËL*

Mas, desgraçada, escuta :

Tu blasphemaste. Chora, arrepende-te, luta  
Contra a insania da carne... Ouve não tarda a hora  
Em que a legião eeeste, ao fulgor de uma aurora,  
Baixará sobre nós a eolher a maldade,  
O dolo, a farça, o crime, a inveja, a iniquidade,



Por lançal-os depois ás fornalias ardentes...  
Então verás o pranto e o reranger de dentes!  
Então verás os bons, cercados de esplendores,  
A voarem para os céos, saíndo-lhes das dôres  
A alma purificada, e das chagas sangrando,  
Louros feixes de luz esplendida, brilhando!

## A SAMARITANA

Mas, si o amo! si o amo!...

## BARTIMEO

Escuta inda um instante .  
É perdão seu amor, não grita delirante...

## JOËL

E' todo espiritual, doce como um sorriso...

A SAMARITANA, *sonhando* :

E calmo e triste como o luar do paraiso...

## BARTIMEO

Escuta, Christo disse : — « O meu reino é o thesouro  
Escondido num campo... Alguem o filão de ouro  
Descobre, e por gozal-o a fortuna despende... ».

A SAMARITANA, *interrompendo-o* :

Disse mais : — « O meu reino é perola que esplende  
E valiosa reluz como uma clara estrella  
Engastada no azul; porque se possa obtel-a



Desfazer-se é mister dos bens todos... » Em summa  
Foi tudo isso que eu fiz! Deixei tudo por uma  
Perola, o seu amor, meu ardente desejo,  
Forte como o destino e suave como um beijo...

JOËL

Pede a paz para o teu espirito intranquillo,  
Foge á treva em que estás, mulher.

A SAMARITANA, *com desvairamento* :

Para seguil-o

No esplendor immortal do espaço illuminado,  
Tenho as azas de luz de meu amor sagrado!...  
Dize-me onde elle pára, onde elle vae, aonde  
Se destina e que faz, em que logar se esconde?  
Bem sei que voltará... Si elle me olhava tanto!...  
Mas, como tarda em vir!

(Chóra)

(Pausa)

Tem pena de meu pranto,  
Si o encontrares, viajor, dize-lhe esta tormenta,  
Conta-lhe este soffrer que cada vez augmenta,  
Fala-lhe desta dôr cruel que não se acalma...

JOËL, *a Bartimeo* :

E' demente a infeliz!

BARTIMEO, *olhando o céo* :

Jesus! Paz á sua alma!



JOËL

Cae a brisa da tarde e agita de mansinho  
As arvores do monte. A caminho!

BARTIMEO

A caminho!

*(Saem vagarosamente)*



## SCENA II

A SAMARATINA, só.

*SAMARITANA puxa a agua devagar, e depois de cheia a bilha, prepara-se para se ir; sendo esses movimentos acompanhados por uma toada dolente. O crepusculo se accentúa em tons róseos e violaceos.*

Entenebrezem-se os ares,  
Mas, estrellas hão de vir...  
Na noite dos meus pezares  
Não tenho um astro a luzir!

Desce o orvalho, e, por encanto  
A veiga florindo váe...  
Cáe dos meus olhos o pranto  
E cresta a flor onde cáe!

Ai, quando eu durmo, supponho  
Que vens e um beijo me dás :  
Tanto mais perto eu te sonho,  
Quanto mais longe estarás...



Nisto o meu sonho consiste :  
Encher de suspiros o ar...  
Meu despertar é tão triste  
Que eu não queria sonhar !

« Vem, quando a treva se estenda ! »  
— Disse alguém com intenção —  
Ser-lhe-á vazia a tenda  
Como está seu coração...

Sólto a pena que me invade  
A' noite de almo esplendor,  
Pois sómente a immensidade  
Póde conter minha dôr...



### SCENA III

A MESMA E MAGDALENA

*Que desde o começo da 3ª eopla vem descendo  
o caminho do deserto, cabellos soltos, tunica branca,  
trazendo aos hombros um vaso  
de alabastro, cruza com a Samaritana que vae partir.*

MAGDALENA, *com expressão de fadiga :*

Hei sede!

A SAMARITANA, *arriando a bilha e entregando-lh'-a.*

Bebe, pois.

*(Emquanto Magdalena bebe, ella a observa)*

Vem da ceifa por certo

E espera algum pastor neste campo deserto...

Por sobre os hombros traz feixes de loura espiga

E a sua carnação vê-se através da estriga

Da tunica, assim como a rósea luz do sol,

Por entre o escasso véo das nevoas do arrebol!



MAGDALENA, *depois de beber longamente, entrega a bilha :*

Deus t'o pague!

A SAMARITANA, *tomando a bilha e indo enche-la de novo :*

Assim seja!

MAGDALENA, *emquanto a samaritana enche o cantaro, observa os seus movimentos languorosos e harmonicos ; á parte :*

Um sangue moço estúa

E lhe canta na carne encantadora e núa,  
O hymnario triumphal á moçidade em flor!  
Espera alguém por certo... Oh ! mysterios do amor!  
Tudo é sombras... é frio o zephyro da tarde...  
Mas um vivo desejo em cada poma lhe arde!

A SAMARITANA, *com intenção :*

O teu zagal talvez uma ovelha perdesse  
Em uma sebe, e em vão tu o esperas todo esse  
Tempo! Ingrato pastor, cuja melhor ovelha  
O frio do abandono o coração engelha!...

MAGDALENA, *com melancolia :*

Feliz, muito feliz, quem seu amor espera!  
Trago a neve do inverno em plena primavera :  
Sigo como um regato a correr pelos montes  
E valles, a mudar de sitio e de horisontes,  
Até que um dia enfim, num ultimo lamento,  
Role no mar da morte e do aniquillamento!



## A SAMARITANA

Amas de certo?

MAGDALENA, *num transporte* :

Sim, mas como a lympha errante  
Que a imagem reproduz do claro céu distante,  
Sem que possa attingil-a! O meu amor consiste  
Em não ter esperança, em ser um sonho triste,  
Em não ser um desejo; em ser nevoento e vago,  
Casto como uma flor e quieto como um lago...  
Amor que seja como uma espira de incenso,  
Um extase infinito e um sofrimento immenso;  
Seja aéreo e tenaz, fatal!... E' assim que eu amo,  
E sigo a murmurar um queixoso reclamo,  
De suspiro em suspiro, em busca do impossivel,  
Porque todo este amor é divino e intangivel.

A SAMARITANA, *como que alheitada* :

E' um amor celestial!?...

MAGDALENA, *sonhando* :

De mystica doçura...

A SAMARITANA, *sonhando* :

Todo feito de paz!...

MAGDALENA, *sonhando* :

De uma suave candura!



A SAMARITANA, *sonhando* :

Manso como um perdão...

MAGDALENA, *sonhando* :

Leve como um sorriso...

A SAMARITANA, *sonhando* :

E calmo e triste como o luar do paraíso!...

MAGDALENA, *animando-se* :

Tem olhos de um azul!...

A SAMARITANA, *com entusiasmo* :

De um encanto tamanho!...

MAGDALENA, *com entusiasmo* :

Os cabellos de sol, num luminoso banho!...

A SAMARITANA, *terna* :

Mãos a implorar os céos!

MAGDALENA, *triste* :

Pés a sangrar de espinhos...

E duros pedregães dos asperos caminhos!

A SAMARITANA, *animando-se* :

Si o largo manto seu á urze brava desce

E toca a seara...



MAGDALENA, *interrompendo-a* :

A urze é flor, madura a messe!...

A SAMARITANA

Ao seu divino influxo, o cego vê, o mudo  
Fala, o vento se applaca...

MAGDALENA, *interrompendo-a* :

Anda a montanha : tudo  
Obedece ao seu gesto omnipotente e suave,  
No anathema, severo...

A SAMARITANA, *interrompendo-a* :

E como um vôo de ave  
Na caricia, no affago e na bençãam ! Bemdito  
O teu nome, Jesus !

MAGDALENA, *em extase* :

Meu amor infinito,  
Em vão te espero, vem !

A SAMARITANA, *como que despertando ; com vivacidade* :

Pois, conheces-lo ? Conta.

MAGDALENA

Uma aurora eternal na minh' alma desponta,  
Porem, a inquietação todo o meu ser conturba,  
Desde o instante em que o vi á esfarrapada turba,  
Serenos como um deus, em voz pausada e triste,  
Brandamente dizer : — « O eterno bem consiste

No reino de meu Pae; si o desejâes, amae-vos... »  
Pelos cabellos de ouro o sol dava-lhe uns laivos  
De uma aureola real, seus olhos se embebiam  
Em extase nos céos, e seus labios sorriam,  
Como devem sorrir na gloria os do Senhor!  
Por seguil-o deixei o opulento esplendor  
Dos triclinios de prata e dos leitos macios,  
E affronto para vel-o os barrancos bravios,  
Violentos temporaes e longas caminhadas,  
Na escura solidão de estepes desoladas...

A SAMARITANA, *com inquietação* :

Pois, conheces-l'o? Conta. E que te disse? Quando  
O viste? Conta, dize, estiveste falando  
Com elle, os dois a sós, bem juntos, em segredo?  
É tão lindo, não é? Tu não tiveste medo  
De seus olhos febris? Dize...

MAGDALENA, *com melancolia* :

Elle nem sequer  
O seu piedoso olhar em mim fitou, mulher!

A SAMARITANA, *num sorriso intencional* :

Pois bem, sobre esta pedra, elle esteve... E sorria...  
E falou-me...

MAGDALENA, *interrompendo-a, com interesse* :

E falou-te? E que elle te dizia?



A SAMARITANA, *com astucia* :

Como estivesse triste a pensar no meu fado,  
Murmurou docemente : « Oh ! Bemaventurado  
Quem chora, por que o pranto então ser-lhe-á en-  
[xuto... »

MAGDALENA, *contendo a angustia e approximando-se* :  
E que fizeste ? Conta ! E elle ? dize, eu te escuto.

A SAMARITANA, *simulando simplicidade* :

Assim como da bilha a lympha clara e fria  
Porejava a brilhar, dos meus olhos corria  
Um choro de quem quer uma consolação...  
Então, chegou-se a mim...

MAGDALENA, *tomando-lhe as mãos* :

Por Deus, acaba. Então?...

A SAMARITANA, *maliciosamente* :

Pedi-me de beber... dei-lhe a bilha... mas elle  
Com brandura e a sorrir, o cantaro repelle...  
E ao som da agua cantando, á luz da tarde estiva,  
Disse do eterno bem, falou de uma agua-viva,  
A unica talvez que a sêde lhe applicasse...  
E enquanto assim dizia, olhava a que na face  
Em fio de crystal me nascia a correr...  
Num desejo de quem... a quizesse beber...

MAGDALENA, *approximando o rosto do de Samaritana* :

E tu, que lhe disseste ?



A SAMARITANA, *fechando os olhos* :

Eu senti um enleio...  
Uma angustia... um torpor a me opprimir o seio...

MAGDALENA, *impressionada* :

Um extase...

A SAMARITANA, *pondo a mão no coração* :

Um enlevo...

MAGDALENA, *num gesto de abandono* :

Um desfallecimento...

A SAMARITANA

Depois, ouvi sómente o bater lento e lento  
Dos corações no peito...

MAGDALENA, *estremecendo* :

E depois?

A SAMARITANA, *como quem se lembra* :

Ah! Depois?  
A treva... a solidão... a agua a cantar... nós dois...

MAGDALENA, *desvaivada, sacudindo-a bruscamente* :  
Depois?...

A SAMARITANA, *languidamente* :

Depois? Não sei...



MAGDALENA, *com exaltação* :

Teu ardor, e a algidez  
A amortalhar-me o corpo ! A divina embriaguez  
De teu brando deliquio, e o meu desvairamento!  
Teu leve suspirar... meu fundo sofrimento!...  
Isto só, minha irmã, isto só?

*(Solução, pausa prolongada)*

Entretanto,

Elle vale bem mais do que este amargo pranto,  
Do que este desespero infrene! Os meus peccados  
São tantos como os sóes lá nos céos constellados,  
Negros, como os grotões onde não chega a luz!...

*(Com resignação e humildade)*

Si é preciso que eu soffra, eu soffrerei ; Jesus!  
Dá que eu possa beijar-te a tunica impolluta,  
Ungir-te os pés de nardo e lagrymas...

*(Dirigindo-se meigamente á Samaritana)*

Escuta :

Por seu amor deixei um paço real, riqueza  
Que se não conta, annéis em pedraria accesa,  
Collares de rubis, diademas deslumbrantes...

A SAMARITANA, *arrebataadamente* :

E eu deixei minha casa e todos os amantes!  
Mas quem é que te guia através dos perigos  
Deste paiz hostile, sem os frageis abrigos  
Das frondes de palmeira, e onde um corrego esperto,  
Um só, sequer applaca a sêde do deserto?  
Quem te guia, si aqui, as areias revoltas  
Andam num turbilhão, dançando no ar, ás soltas,  
E a duna se levanta e o caminho é desfeito?



MAGDALENA, *apontando o céu e levando a mão ao peito* :  
 Uma estrella no céu e o coração no peito !

A SAMARITANA, *com resolução* :

Tu não n'ó encontrarás! Quantos desilludidos  
 Voltam por esta estrada, os haveres perdidos,  
 Avelhantados, nús, tremulos, mais doentes,  
 Com o frio da descrença e expostos aos furentes  
 Raios de um sol maligno! Olha, tudo é baldado!

(*A' parte*)

Si elle a visse, meu Deus!

(*A Magdalena, apontando Sicheu.*)

Vês tu, aquelle eirado?

Aquella casa branca? É minha. Poderias  
 Descançar da jornada alli, por alguns dias...

MAGDALENA, *excusando-se agradecida* :

Obrigada, porem...

A SAMARITANA, *insistindo* :

Não partas, não!

MAGDALENA, *com resolução* :

Porem,

É preciso voltar para Jerusalem!

A SAMARITANA, *asperamente* :

Insensata, pois vá! Terás dôres e fome,  
 Terriveis maldições cuspidas no teu noine,  
 Um jornadaer incerto, uma angustia sem termo,  
 E a descrença a te encher o coração enfermo!



Jesus não te olhará, si o vires por ventura...  
Baldado o teu esforço! Em vão tua loucura!

MAGDALENA, *com resignação* :

Seguirei meu destino...

A SAMARITANA, *num gesto de desafio* :

Esperal-o-ei, ainda!

*(Toma a bilha arbatadamente e segue  
caminho da cidade. Depois de alguns  
passos, volta-se, com melancolia.)*

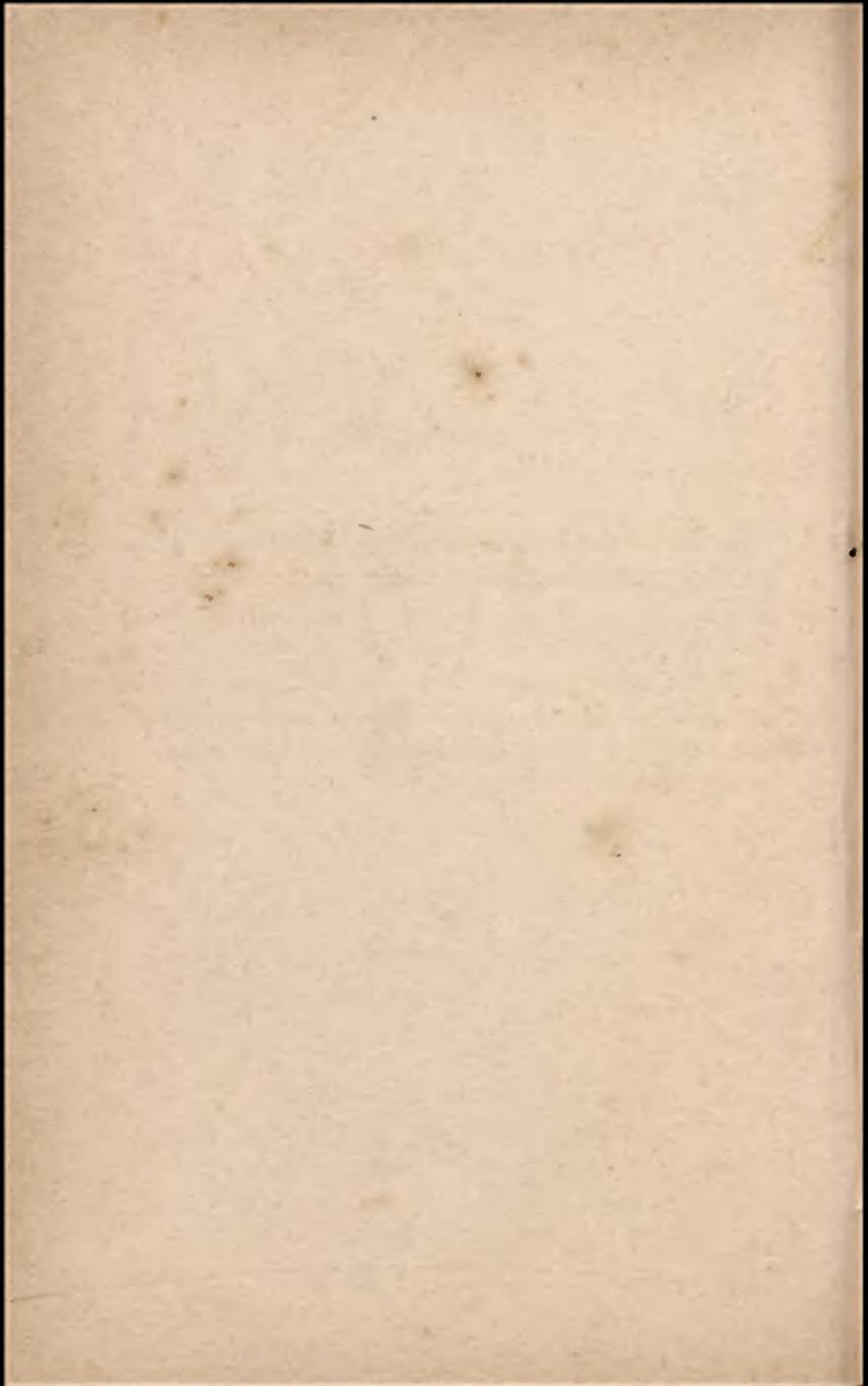
Como é loura e gentil !

MAGDALENA, *toma a urna e vae caminho do deserto.  
Depois de alguns passos, olha a Samaritana que se affasta:*

Como é trigueira e linda!

PANNO (*lentamente*)





## ACTO TERCEIRO

---

### SCENARIO

*14 do mez de Nizam. Ao levantar do panno Judas, com expressão de melancolia, está sentado sobre um barranco, á direita. Um pouco acima existem alguns sepulchròs cavados na rocha, de onde se eleva uma figueira colossal tristemente pendida para o barranco. A paysagem é desolada e embora seja dia, ha como que uma penumbra. Do logar em que Judas se acha, pôde-se descortinar o caminho do Golgotha, invisivel ao espectador.*

---





## SCENA I

JUDAS, só sentado numa pedra :

Infortunado amor! Por ti tanto hei soffrido  
Nesta desolação!... Ora desilludido,  
Ora emballado numa enganosa doçura!  
Esperança, és um mal que prolongas a agrura  
Dos vencidos da vida! Oh! labio fugitivo,  
Delicioso e cruel! Oh! corpo que captivo,  
Meu destino retens! Alfombra de velludo  
De seus cabellos de ouro! Honras e crenças... tudo  
Eu por ti renunciei! Por ti, o desalento  
Das noites de vigilia ao acaso e ao relento!  
Por ti, todo um prazer de suavissimo sonho,  
E o cruento despertar! Paraiso risonho,  
Que eu attingir não pude! Almo céu constellado,  
Que a caricia do luar, como oleo perfumado,  
Dás a outrem! O'céo hostile! Céu procelloso!  
Minha suprema angustia, e meu supremo gozo!  
Por ti, deixei meu sangue e as vestes pelo tojo!  
Minha carne a sangrar, lacerada no fojo



Das hyenas e chacáes! E este orgulho, e a vontade  
Sob os teus niveos pés!... Magdalena, quem ha de  
Si não tu, restituir-me a paz?!.. Tudo esqueci :  
Não te maldigo, não! Fui traidor só por ti!  
Por ti, por ti sómente!... Amaste o Nazareno?  
Busquei-o... mas, depois... Ah! depois o veneno  
Do ciume foi tremendo, e eu... á morte entreguei-o,  
Pois meu calix de fel transbordou de tão cheio!

*(Pausa; levantando-se)*

Tu me negaste um beijo, e o beijo que era vida,  
Cantando em tua bocca escarlate, querida,  
Nos meus labios ficou como um travoso fructo,  
E ao em vez do hymineu, foi a morte e foi luto!...  
Amei demais! Penei demais! Tu, no entretanto,  
De mim, sorriso máo, faze que eu seja pranto,  
E que eu seja remorso, eu que sou a vingança!

*(Parecendo avistar alguma cousa que se passa  
á distancia)*

Pela encosta do monte o atro cortejo avança...  
Jesus! Vejo-te emfim!... Teu passo é mal seguro...  
Tu soffres? Tambem eu! Cáes no barranco eseuo?  
Tambem eai! Roubei para que minha amante  
Fulgisse como um céo formoso e deslumbrante!  
Cáes de novo? Cahi, quando, hypocritamente,  
Teu discipulo fui!... Cáes ainda, demente,  
Visionario? Tambem eai como traidor!  
Agora vaes morrer, morrer por meu amor! ..  
Que és um bom, eu bem sei! Que és um puro, bem sei;  
Mas tiveste a paixão da mulher que eu amei...  
Por isso, váes morrer!... Vejo que alguém te ampara,  
Te leva a cruz! E quem, na minha angustia amara



---

Me consola, Jesus? Tudo me repudia,  
Os gestos param no ar, cresto a flôr da alegria,  
Ha sempre um dedo hostil a me apontar o vulto...  
E' por isso que eu fiz do odio negro o meu culto :  
Eis porque sou assim! Eis porque sou assim!...



## SCENA II

O MESMO E UM LEPROSO, QUE SAE  
DE UM SEPULCHRO

O LEPROSO

Tenho lepra, viajor; foge, foge de mim!  
Isto é meu antro, isto é meu fojo e sepultura...  
Foge, foge de mim, sou leproso, creatura...

JUDAS, *approximando-se* :

Irmão, soffro tambem...

O LEPROSO, *com desconfiança* :

Então, vens disputar  
Como as hyenas e os cães, os restos de jantar  
Que me atiram de longe?

JUDAS, *com doçura* :

Eu vim para o conforto,  
Vim trazer-te a amizade á solidão deste horto;  
Vim trazer-te o carinho, o desvelo, o cuidado...



o LEPROSO, *recuando com um gesto de asco* :

Foge, foge de mim! Sou pantano estagnado!  
Tudo em mim é lethal! Meu corpo é pasto impuro  
De vermes e é só pús! Sou como um negro muro  
De sepulchro! Senhor, a lympha ao meu contacto  
Se conspurca e se turba e morre a flôr do cacto  
E o arbusto se lhe roça a minha mão nojenta...  
Meu halito nocivo os corvos afugenta...  
Este ar que se respira é um ambiente de peste..  
Foge, foge de mim, que a podridão me veste!...

JUDAS

Que me importa o veneno?! A podridão, que importa  
Si o meu corpo tem vida, a alma está quasi morta...

o LEPROSO, *com curiosidade* :

Quem tu és? De onde vens?

JUDAS, *dolorosamente* :

Alguem que muito amou,  
Que tem amado ainda e que amará!... Quem sou?  
Eu me chamo descrença, eu me chamo lamento...  
De onde vim? Vim da noite atroz do esquecimento!

o LEPROSO, *com scepticismo* :

Mancebo, o mal de amor cura-se muito cedo :  
Amor é como arbusto a medrar num rochedo,  
Quasi não tem raiz!...

JUDAS

Possues familia?



O LEPROSO, *dando de hombros* :

Outr'ora,  
Tive-a, porem deixou-me...

JUDAS

E tua esposa?

O LEPROSO, *num sorriso alvar* :

Agora,  
Pelas portas do Templo o corpo mercadeja...

JUDAS

Quem te acompanha então?

O LEPROSO, *num riso tristissimo* :

As moscas de vareja...

JUDAS

E que aspiras?

O LEPROSO

A morte! E tu?

JUDAS, *com exaltamento* :

Eu quero a vida,  
A volupia, o prazer de uma carne incendida  
Nos estos da paixão! Quero uma bocca em febre,  
Que toda esta alma exhaura e que meu corpo quebre  
Num deliquio de gozo...



O LEPROSO

E's moço e a formosura  
Mora de teu olhar nessa pupilla escura,  
Na tua cabelleira e no teu porte airoso,  
Na ardencia de teu sangue a gyrar sem repouzo  
Em impetos febris!... Que forças ha que domem  
O teu desejo audaz e o teu orgulho?

JUDAS

Um homem!

O LEPROSO

Sempre é muito feliz quem de um homem depende :  
O homem é um fragil sêr que se compra e se vende...  
Para findar meu mal é de um Deus que eu preciso :  
— Tens remedio na terra, eu só no paraizo!...  
As vezes subo alli...

*(Aponta o barranco onde está a figueira)*

Levo dias e dias

Pesquisando o horisonte á espera do Messias  
Que em breve chegará : Jesus de Nazareth.

JUDAS, *apontando o cortejo* :

Eil-o, váe a morrer!

O LEPROSO, *sorprehendido* :

Quem, Jesus?

JUDAS, *com firmeza* :

Sim, esse é!

O LEPROSO, *á parte; dolorosamente* :

Esperança fugaz! Nuvem tenue de incenso,  
Que esta alma perfumou e se perdeu no immenso  
Espaço! Oh! Flamma azul da fé, num bruxoleio  
Final, vasqueja e morre!... O coração me é cheio  
De desalento!

(*Para Judas, com expressão de duvida*)

Dize, é crível que succumba

Um Deus, sem que este céu se rasgue, e a catacumba  
De cada morto se abra, e o aureo bando disperso  
Dos astros se despenhe abalando o universo?  
Dize, é crível que morra um Deus, sem que dos ares  
Cáia a legião celeste, e as montanhas e os mares  
Fervam num cataclysmo e tudo ao cahos profundo  
Volte? Si é Deus por que não destruiu o mundo?  
Si homem é, qual o ponto em que offendeu a lei?

JUDAS, *pausadamente* :

Morre, por ter o amor da mulher que eu amei!

O LEPROSO, *espantado* :

Quem tu és que o destino invariavel transmudas?  
Que fazes?

JUDAS

Odeiar!

O LEPROSO, *attonito* :

Como te chamas?



## JUDAS

Judas I

Os ermos do deserto ouviram minha voz  
A de Jesus unida : O sofrimento atroz  
Em nossos corações fez a mesma ferida.  
Sua vida de asceta á minha humana vida  
Fundiu-se! E, oh! quanta vez, á brisa fugidia,  
Sua tunica uniu-se ao manto que eu trazia!  
Mas isto era um engano : Elle era o victorioso!  
Eu tinha a dôr suprema, elle, o supremo gozo  
De um amor de mulher estonteadora e linda,  
E que eu amo! Sofri um anno... um outro ainda...  
Annos cheios de fel, de tormento infinito!  
Quanta vez na soidão eu suffoquei meu grito  
De revolta, e contive o gesto meu traçoireiro,  
Que o fizesse rolar por um despenhadeiro!  
Quanta vez elle leu no meu olhar presago  
O desejo minaz de atiral-o num lago...

o LEPROSO, tremulo :

Tenho medo de ti...

JUDAS, com fereza e em voz pausada :

Porem, gerei na mente  
Um meio de matal-o, ignominiosamente...  
E agora, vês? Minha obra é quasi concluida :  
Váe caminho da morte.

(Aponta)

Eil-o, ahi vael...



o LEPROSO, *recuando assombrado* :

Fatricida!

Foge, foge de mim! Tua alma é pasto impuro  
De sentimentos máos! E's como um negro muro  
De sepulchro! Traidor, a lymphá ao teu contacto  
Se conspurca e se turba e morre a flor do cacto  
E o arbusto se lhe roça a tua mão nojenta...  
Teu manto lutulento os corvos afugenta!  
Este ar que se respira é um ambiente de peste!  
Foge, foge de mim! E' a traição que te veste!  
Jamais encontrarás um coração amigo...

JUDAS

Maldito sejas, cão!

o LEPROSO, *desapparecendo numa sepultura* :

Judas! Eu te maldigo!



### SCENA III

JUDAS, só :

Tu morrerás, Jesus! E todo o meu tormento  
Acabará contigo! Oh! venha o esquecimento,  
Como um balsamo, e após esta noite de horror,  
Aurea surja por fim minha aurora de amor!  
Eu já me sinto exausto; odiar também cança :  
Que dentro em mim floresça a alva flôr da esperança,  
Que dentre estes bulcões de tormenta bravia,  
Dês que não possa vir o almo sol da alegria  
Nas vibrações da vida, oh! venha a claridade  
Branca e suave de um luar de magua e de saudade!  
*(Ouvem-se pancadas surdas ao longe e gemidos cortantes)*  
O momento fatal chega... as pancadas soam  
Lá do alto da montanha e nos valles reboam  
Soturnas! Acabáe mais depressa com isto!...  
Mostráe como se mata em uma hora um Christo!...  
Indiscriptível rythmo, atro e estranho compasso  
De sinistra canção a vibrar pelo espaço!...



*(As pancadas soam abafadas e pausadamente)*

Será meu coração, num delírio fremente,  
Neste peito a bater, desordenadamente,  
Como para acordar minh'alma?... Pois, acorde-a  
Para o prazer!

*(Prolongado trovão)*

VOZES, ao longe :

Jesus! Perdão, misericórdia!

*(Os relâmpagos cruzam o espaço, acompanhados  
de trovões)*

JUDAS, no alto do barranco, e illuminado pelos clarões  
da procella :

Raça vil de poltrões! Fugis da tempestade!

*(Trovões.)*

VOZES, angustiosas :

Perdoae-nos, Senhor Deus! Jesus, tende piedade!



SCENA IV

O MESMO E UMA MULHER QUE PASSA QUASI  
A CORRER

JUDAS

Por que choras, mulher?

A MULHER, *soluçando de manso*:

Mataram meu marido,  
Pobre Dimas, senhor...

JUDAS

Si elle tanto ha soffrido,  
Queixa-te de Jesus, que o podia salvar.

A MULHER, *resignadamente*:

Si não salvou seu corpo, a alma ha de penetrar  
Nos porticos do céu... Elle o disse...



JUDAS, *zombeteiro* :

Insensata,  
Tu acreditas nisso?

A MULHER, *fitando-o com espanto e recuando  
instintivamente* :

O teu rosto retracta  
O perjurio, a maldade, a torpeza, a traição...  
Serás Judas?

JUDAS, *com isolenia* :

Eu sou!

A MULHER, *desapparecendo* :

Maldição!

JUDAS, *num gesto crispado* :

Maldição!



## SCENA V

O MESMOS E DOIS FORASTEIROS QUE VÊM DE GOLGOTHA

*(Durante esta scena Judas procura conter-se e soffre)*

1º FORASTERO, *continuando a narração :*

Olhou sereno o céo, e pendendo a cabeça,  
Sem um grito de dôr, tal como quem pareça  
Dormir, sem sonho máo, passou da vida á morte...  
Nesse instante um trovão ribomba de tal sorte,  
Que os tumulos partiu e fez tremer o monte...  
Depois... o louro sol desce a dourar-lhe a fronte,  
Como um beijo de luz, cortando o espaço adusto...  
Seria mesmo um Deus?

2º FORASTEIRO

Deus, não sei ; era um justo ! .  
E' verdade a traição de um de seus companheiros  
Por trezentos seckéis?



1º FORASTEIRO

Sim, por trinta dinheiros :  
A consciencia de um vil por bem pouco se vende...

2º FORASTEIRO

Em que furna elle jáz, ou em que arvore pende ?

1º FORASTEIRO

Não se mata um cobarde ; elle por certo gyra  
Em torno da cidade a roubar.

*(Desapparecem)*

JUDAS, *sentando-se numa pedra, dolorosamente*

E' mentira!



## SCENA VI

O MESMO E UM SACERDOTE DO TEMPLO

*(Os trovões e os relâmpagos são mais espaçados)*

JUDAS

Estás morto talvez! Mas a immensa agonia,  
Que impiedosa e tenaz a minh' alma escrucia,  
Jamais me deixará! Entras na eternidade  
Da inconsciencia do nada! Entro na soledade  
De meu viver sombrio...

*(Esconde o rosto nas mãos)*

O SACERDOTE, *perfumado e rebrilhante de pedraria* :

Olá, Judas, tu choras?

JUDAS, *como quem fosse pisado* :

Eu, chorar? Dize então : tu por acaso coras  
Em face de qualquer pratica immunda e obscena?



O SACERDOTE, *risonho* :

Graça ao Deus de Moysés, vejo-te emfim! Serena,  
E conversemos : — Tu prestaste um bom serviço  
Aos do Templo... Jesus causava um reboição  
Na turba, e dentro em breve os soldados romanos  
Caíriam sobre nós, brutáes e deshumanos,  
Como para abafar um levante supposto...  
Porem, isto passou... Vim do Golgotha; um rosto  
Que meu olhar guardou, formoso e desolado,  
Lá estava junto á cruz — um lyrio perolado  
Pelo orvalho do céo, num sepulchro florindo —  
Si o visses, como é lindo!

JUDAS, *à parte, dolorosamente* :

Oh! Bem sei, quanto é lindo!

O SACERDOTE

E com que desespero, ella, a rúbida bocca  
Põe nas chagas dos pés do Jesus!... Está louca,  
A tunica rasgou, patenteando aos olhares  
Pasmos da multidão, carnes que são luares  
De tão brancas!

JUDAS, *implorando, terrivel* :

Roboão, cala-te, por favor!

O SACERDOTE

Eu lhe dava um collar por uma hora de amor...  
Si núa não se mostra, exhibindo o thesouro  
Do corpo, é que o resguarda o régio peplo de ouro  
De sua cabelleira astral!... Fiz-lhe um examo  
Do quem sabe avaliar, ouves?



JUDAS, *con energia* :

Cala-te, infame!

*(Divagando)*

Si viesses para mim, formosa e desejada,  
Iriamos vogar em galera dourada  
Pelas vagas azues do mar de Tyro...

O SACERDOTE, *batendo-lhe no hombro* :

Vendes

Teu messias ou rei, e depois te arrependes...  
Confessa : o teu scisinar, essa cogitação...  
E' talvez o remorso a pesar...

JUDAS, *interrompendo-o* :

Não! Não! Não!

*(Ouvem-se passos cadenciados de marcha)*

O SACERDOTE

Queres ceiar commigo? E' um convite accetivel,  
Pois não gastas dinheiro... Até lá.

*(Sáe)*

JUDAS

Miseravel!



SCENA VII

O MESMO, UM DECURIÃO E A PATRULHA DE ROMANOS

JUDAS

Tudo está consummado!

O DECURIÃO

Alto! Firme!... A' vontade!

*(Trovão, muito ao longe)*

1º SOLDADO, *sahindo de forma* :

Por Plutão! Já se váe bem longe a tempestade!

2º SOLDADO

Que dia de calor!

3º SOLDADO

De tristeza!



## 4º SOLDADO

Qual, nada!

Confesso : para mim foi bem bóa a jornada :  
 Que mulher deslumbrante ! E quanto ella queria  
 A'quelle que morreu na cruz alta!

JUDAS, *contendo a angustia, á parte :*

Maria!

## 4º SOLDADO

Para poder olhar mulher assim tão linda,  
 Como hoje eu passaria alguns annos ainda  
 Assistindo por dia a mortes de judeus !...

## 2º SOLDADO

Ella é demente!

## 1º SOLDADO

E' bella!

## 5º SOLDADO

E' perfeita, por Zeus!

6º SOLDADO, *velho e feio :*

Sinto que ella não queira ir commigo...

1º SOLDADO, *rindo :*

São, furia!

VOZES, *risadas fortes :*

Pelludo! Bódel Fauno! Egypan!



6º SOLDADO, *injuriando-os* :

Raça espúria!

O DECURIÃO, *contendo o riso* :

Ordem!

1º SOLDADO

Calma!

6º SOLDADO, *resmungando* :

Villões!

5º SOLDADO, *desdobrando a túnica de Christo  
que é de púrpura e levantando-a na ponta da lança* :

Quem lucró com a historia  
Fui eu, que pelo dado alcancei a alta gloria  
De ter nas minhas mãos a túnica de um... rei...

1º SOLDADO

O teu dado tem chumbo!

4º SOLDADO

O' vergonha!

5º SOLDADO

Ganhei.

2º SOLDADO

Mentira!



5º SOLDADO, *à parte* :

Póde ser que razão elle tenha!...

1º SOLDADO

E' purpura de Tyro.

VOZES

E'! Não é!

3º SOLDADO

E' estamenha!

JUDAS, *adiantando-se numa allucinação* :

Vejo sangue a correr! Tenho n'alma a tormenta,  
O desespero, a raiva! E'-me a bocca sedenta...  
Sinto gosto de sangue! Ha sangue, ha sangue em mim!  
Vejo o Templo vermelho! O raio é carmezim!...  
E' de purpura o monte! O occaso todo é rubro!  
Para onde quer que attente o olhar, sangue descubro:  
Essa tunica é sangue! O escudo teu, sangrento!  
Cheiro de sangue traz-me ás narinas o vento!



## SCENA VIII

OS MESMOS E UM VELHO RAPSODO

*(Que entra cambaleando e esbarra com Judas; figura grotesca e andrajosa)*

JUDAS, *allucinado* :

Velho; fere-te o craneo a ponta de um espinho?

O RAPSODO

Eu tenho na cabeça a parra, amigo, e o vinho...

JUDAS

Sabes? Jesus morreu...

O RAPSODO

Diana, deusa impolluta  
Da agreste solidão de recondita gruta,



Onde alto se levanta o teu solio abançoado!  
 Recebe a minha oblata humillima! Este brado  
 De fervor, quero vóe nas grimpas da montanha,  
 Sendo Echo o portador dessa crença tamanha!  
 Deponho em teu altar um Rei, como offerenda,  
 Para que mais brilhante a tua gloria esplenda!

## JUDAS

Cala-te, ebrio!

## O DECURIÃO

Judeu, retira-te d'ahi!

## OS SOLDADOS

Venha um hymno! Silencio! Attenção! Sus!

O RAPSODO, *toma da lyra :*

Ouvi!

« Teus olhares, Acteon, numa clareira aberta  
 Na intrincada espessura,  
 Da floresta selvagem e deserta,  
 Feriram a brancura  
 Das lacteas pomas de Diana casta!  
 Fôras bem mais feliz, si uma flecha luzente,  
 Que na ponta farpada a morte arrasta,  
 Penetrasse em teu peito incontinenti!  
 Fôras bem mais feliz, pois sentiras o gozo  
 De succumbir por suas mãos divinas...  
 Por pena, foste um cervo a correr sem repouzo  
 Seguido por teus cães, através das campinas!...  
 Deusa! Vingas-te assim dos vis profanadores!



Recebe em teu altar, virgem intemerata,  
Este carne tirado ao coração da malta,  
Plena de effluvios, cheia de esplendores...  
Que a minha lyra tem a profundeza das sombras,  
Soluça como a lymphá pelos prados,  
E a sua voz é como o velludo da alfombra,  
Onde brillam teus membros nacarados!

VOZES

Evohé! Muito bem!

O RAPSODO

Quero vinho!

UM SOLDADO

Eli! Sileno!

O RAPSODO, *a Judas* :

Judeu! Queres beber pelo teu Nazareno?

JUDAS

Impostor!

OS SOLDADOS

A beber!

O DECURIÃO

Venha outra canção!

O RAPSODO, *a Judas* :

Judeu em tua honra : Ao vinho!

JUDAS

Maldição!



## O RAPSODO

O' vinho, fluido divino,  
Olvido do soffrimento,  
Que as azas do pensamento  
Sóltas nas notas de um hymno,  
Sangue dos deuses, opima  
Seiva, que nos alimenta  
E as almas sacode acima  
Da Terra feia e nojenta;  
Veneno, que delicia,  
O' nectar, que nos embriaga,  
E ao sabor do qual se vaga  
Nos turbilhões da alegria;  
A ti, pois! Do céo beindito!...  
Que a Via-lactea é a parreira  
Da deslumbrante videira  
Que se estende no infinito!

## OS SOLDADOS

Bravo! Lindo! Evohé!

O DECURIÃO, *ao rapsodo* :

Vem connosco ! Está fria  
A tarde (A Judas) Vem, Judeu !

JUDAS, *dolorosamente* :

Obrigado!

(Saem os soldados e o rapsodo)  
*à parte* :

Maria!



## SCENA IX

JUDAS, só :

O' vida, para mim, és o exílio nefando!  
O' luz, ao meu olhar, és um insulto eterno!  
Só na treva da morte, eu entrarei triumphando,  
No silencio minaz das solidões do inferno!  
O meu corpo lethal, residuo de tormentos,  
A peste espalhará nos campos e cidades!  
Meus gemidos serão — a lamuria dos ventos!  
E o meu odio — o estridor feroz das tempestades!

(Pausa)

Magdalena! Entregaste o alvo corpo de arminho,  
O teu corpo aromal, que me encanta e me aterra,  
Quasi á toda a Judéal... E agora, o teu carinho  
Espera tão sómente, a volupia da Terra!...  
Em vez do labio meu que te supplica : « Eu te amo »  
Tremulo de paixão, de meu amor sincero,  
Em vez do segredar num queixoso reclamo,  
Do verme escutarás : « Carne vil, eu te quero!...



E eu te quero! Eu te quero, ó infernal creatura,  
Eu te quero, apesar da inclemencia da sorte;  
Veneno, podridão, astro, flôr, carne impura... »  
Eu te amarei, mulher, mesmo depois da morte!

*(Subindo o barranco e dirigindo-se á  
figueira, enquanto desata os cordéis  
que lhe prendem a tunica)*

Dos teus ramos, um dia, á bemfaseja sombra,  
Descancei com Jesus de uma longa jornada :  
Porque um fructo não dêste, alem da fresca alfombra  
Foste, ó arvore amiga, então amaldiçoada!  
E elle disse : — « De ti, não brotará um fructo!  
« Esteril, tu serás por toda a eternidade... »  
Este anathema cruel inda, funéreo, escuto,  
Como dentro de um valle a voz da tempestade!  
Sou de tudo execrado e de todos maldito.

*(Passa a corda num galho da figueira)*

És agreste e fatal como a arvore de espinhos!  
Junto, pois, tua dôr ao meu odio infinito :  
— Serei o fructo máo dos teus galhos maninhos!

*(Passa o nó no pescoço)*

Agua! O Fado quebrou-te as azas no teu vôo...  
Maria! Eu morro! Adeus!...

*(Lança-se no vácuo)*



SCENA X

MAGDALENA *entra, pallida, extenuada, vestes rötas e tintas de sangue. Söbe ao barranco para inda uma vez olhar o Calvario, e ao se lhe deparar o corpo de Judas recúa, estremece, e se ajoelha.*

Judas, eu te perdôo!...

PANNO



## NOTA

---

ARISTHEO DE ANDRADE, o irmão e amigo, deixou como sua ultima producção poetica, o acto primeiro do « Jesus ».

Esse manuscripto me veio ter ás mãos sem uma nota ou ligeiro indicio que deixasse entrever a feição do trabalho nos seus traços geraes, ao menos.

Conclui-o, como derradeira homenagem e apenas com a modificação deste verso :

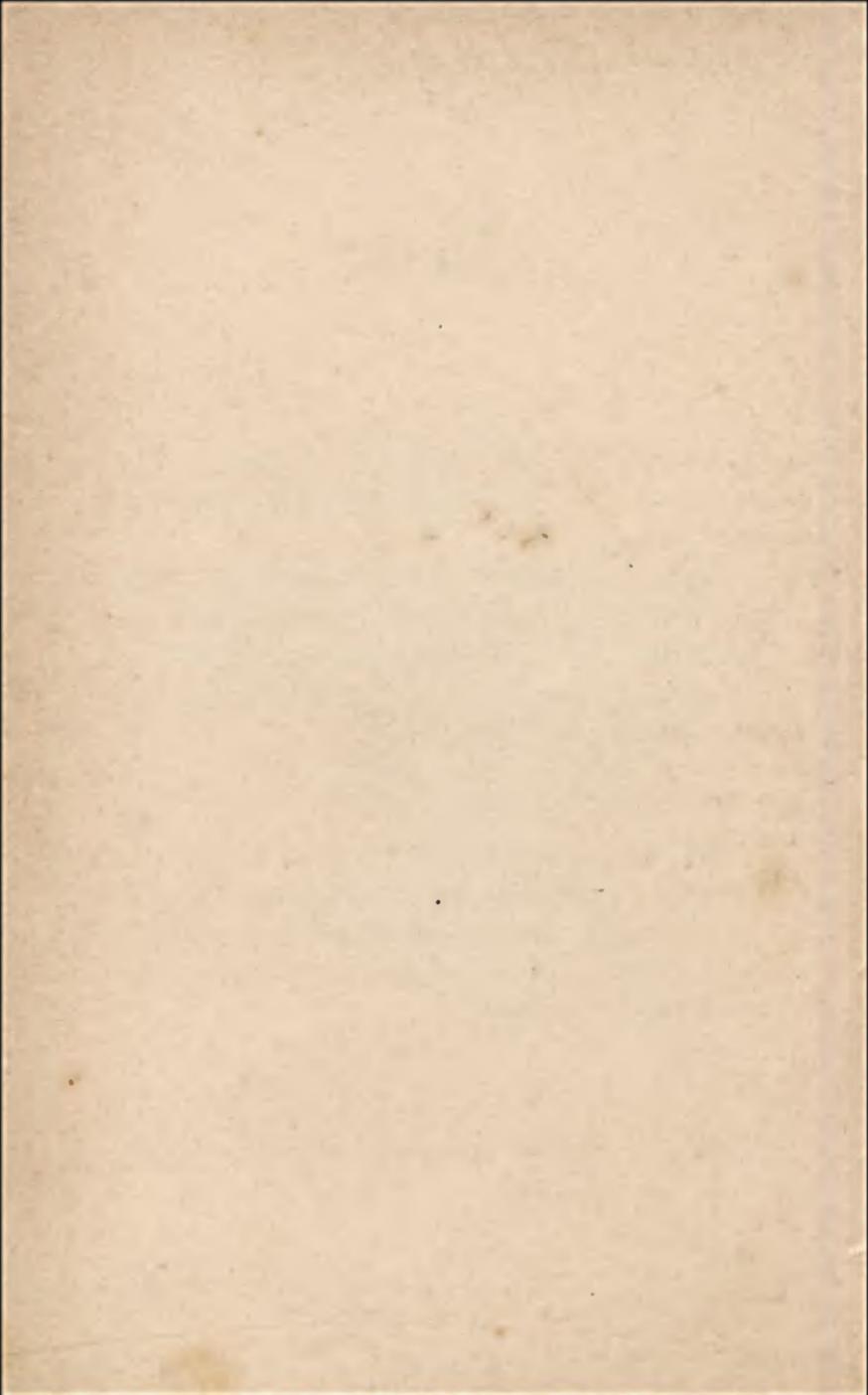
« Quando Jesus chegar, trazei-o para aqui. »

Achando que esse personagem, todo espiritual, não devia ser corporificado, substitui-o no verso por Judas.

A ordem dos episodios foi tambem alterada, afim de que melhor se adaptassem ao desenvolvimento do thema que idealisei.

---





## INDICE

---

Depois da Morte. . . . .	1
Renuncia. . . . .	31
Sonata ao Luar. . . . .	55

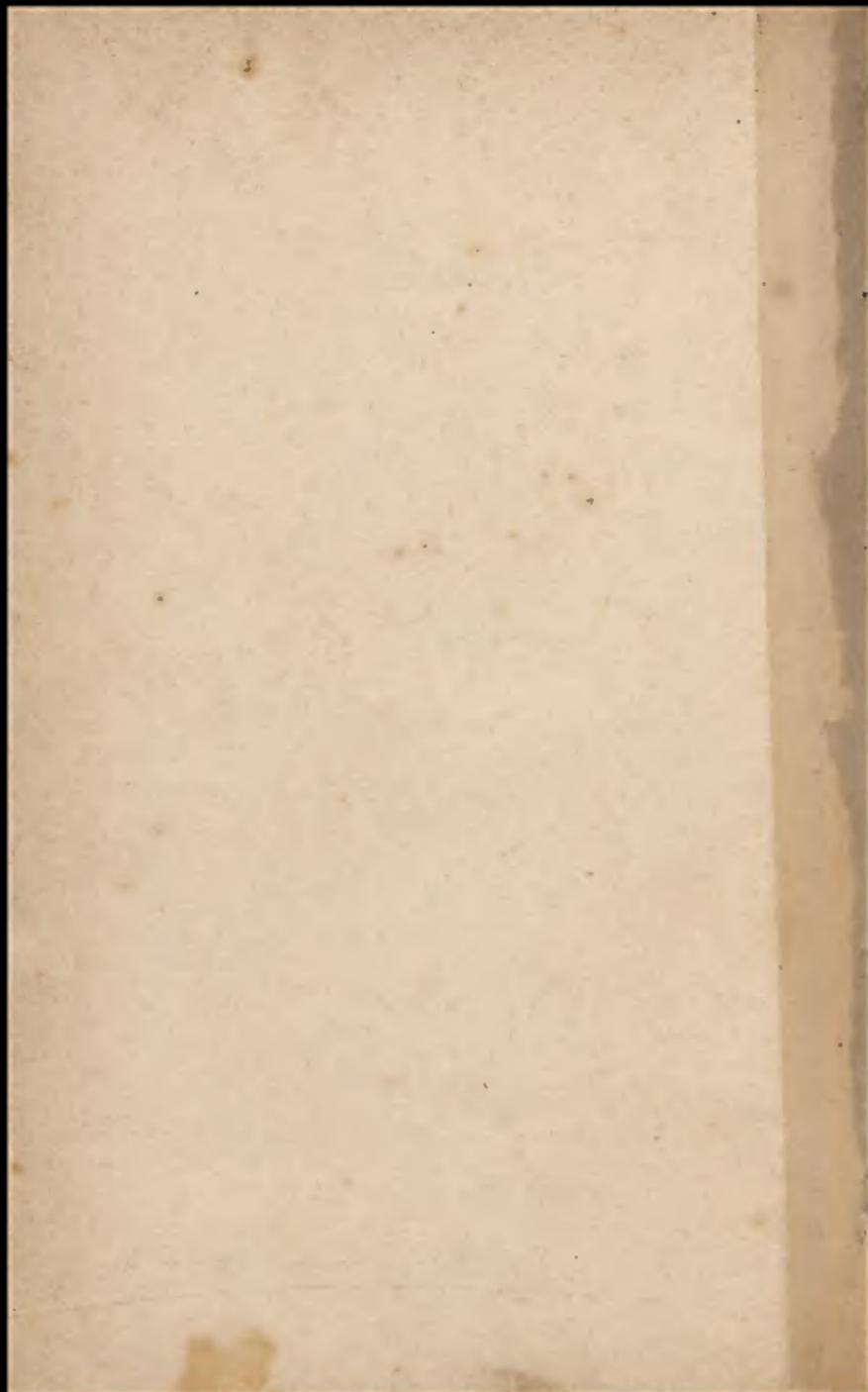
## JESUS

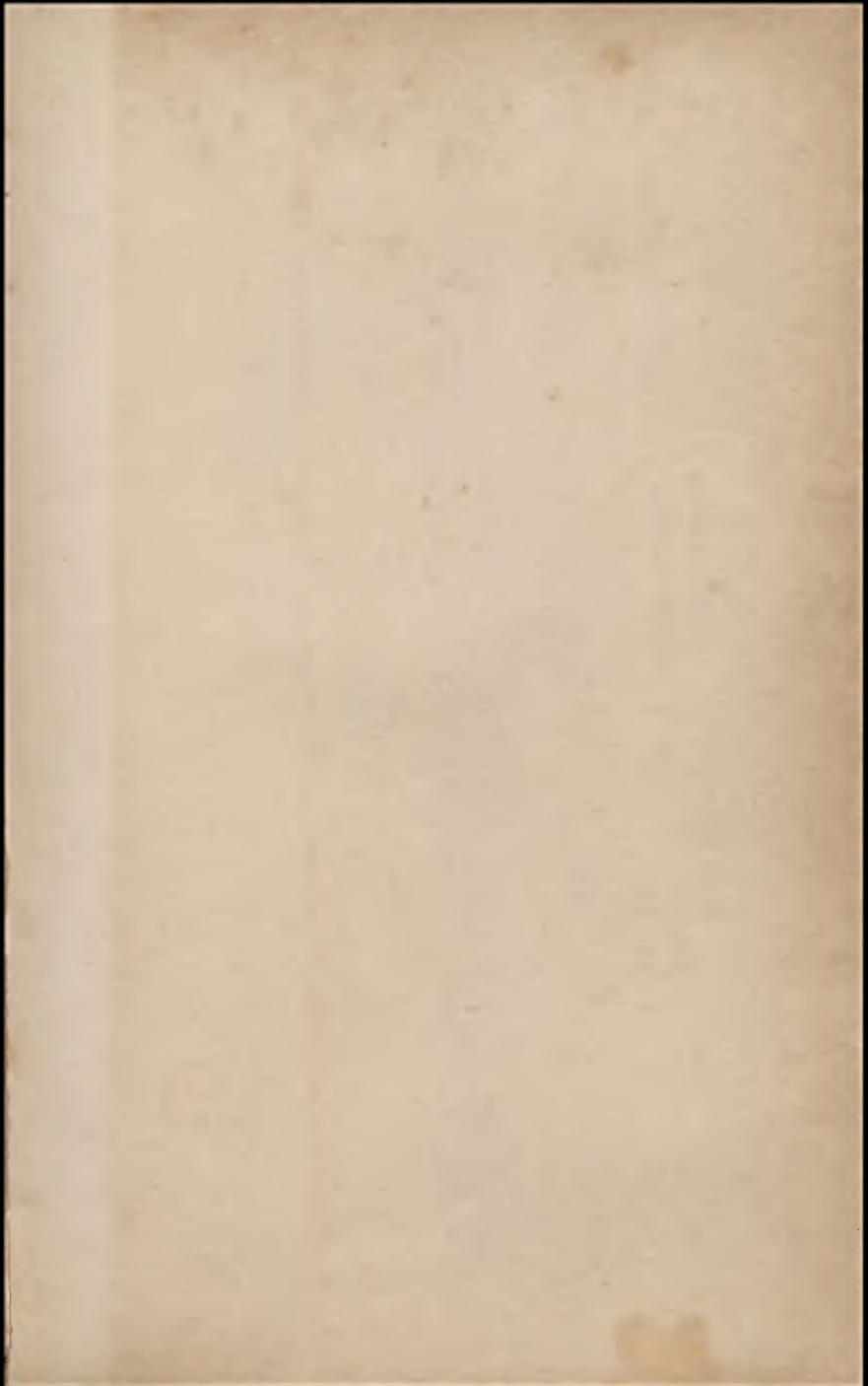
<i>Soneto</i> , á memoria de Aristheo de Andrade. . . . .	83
Acto Primeiro. . . . .	87
Acto Segundo. . . . .	113
Acto Terceiro. . . . .	137
Nota. . . . .	169

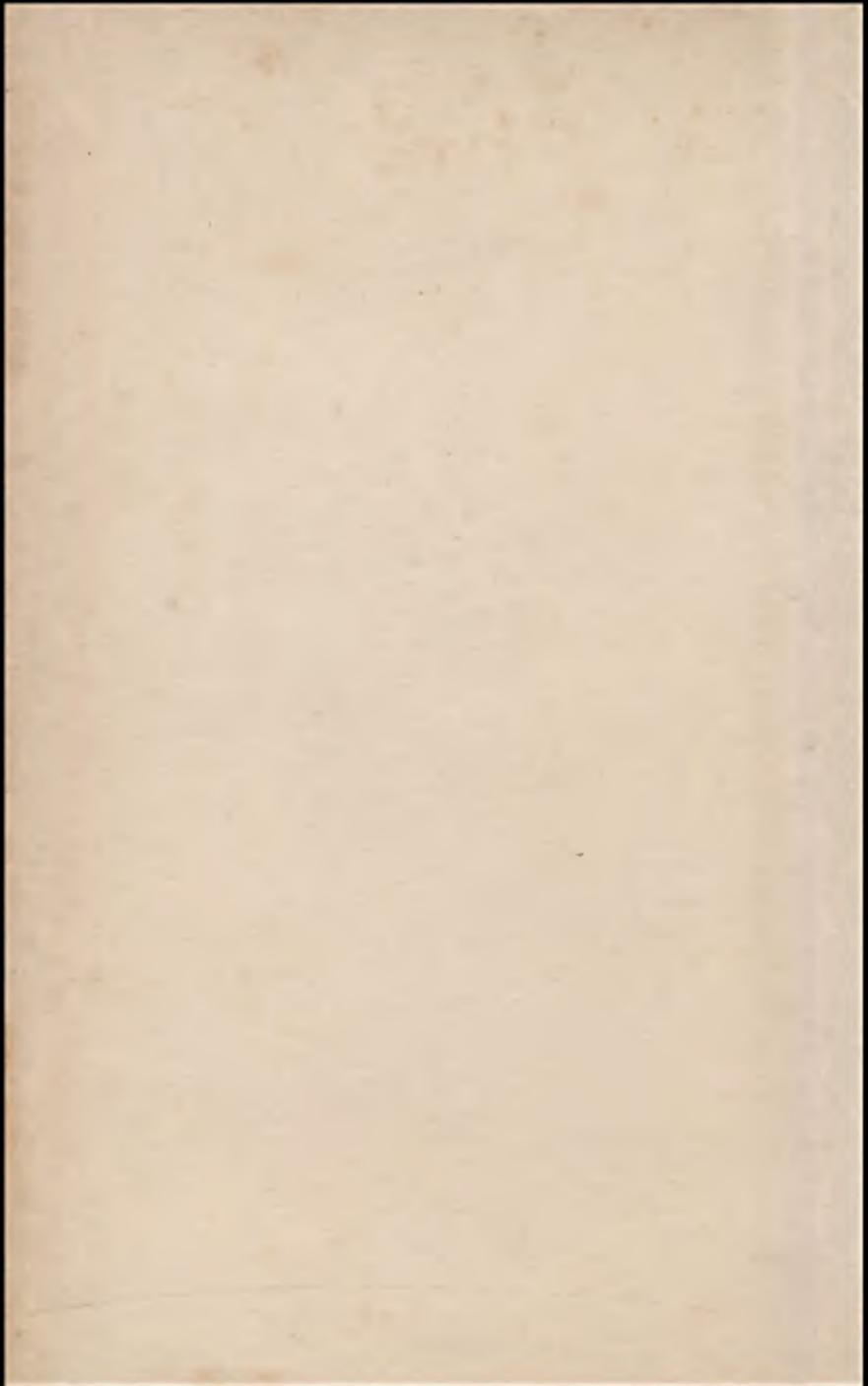
---

Typ. H. GARNIER (BOUILLANT).



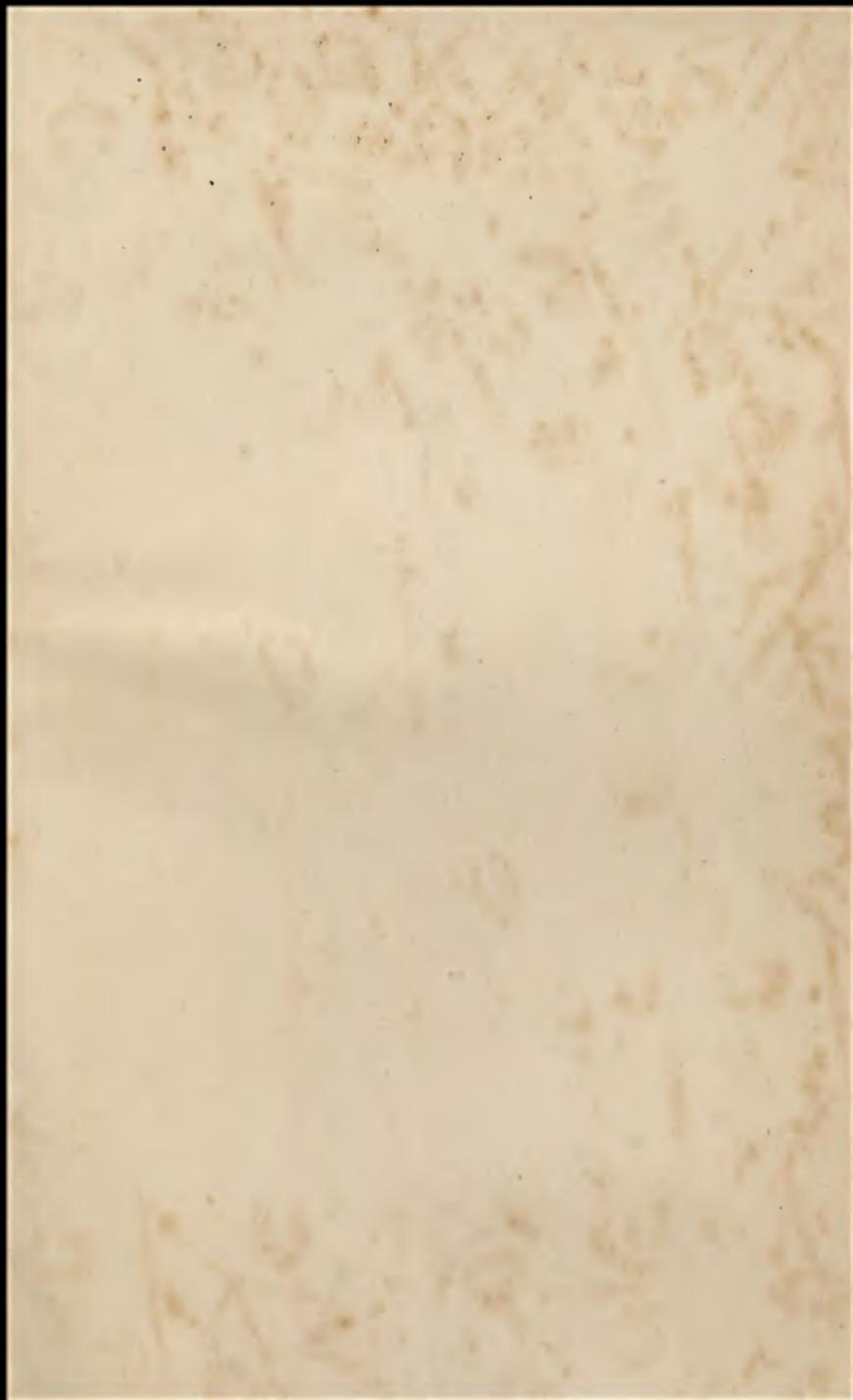












Esta publicação deve ser devolvida na última data marcada

30/3/72

15/6/72

Mod. 105 - 63 - B



FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS  
BIBLIOTECA CENTRAL

REGISTRO DE EMPRÉSTIMO DE LIVRO  
CTA — 4-5-8

Tombo 7 150

Autor Andrade, J.M.Goulart de

Título Theatro

Classificação 869.92

TOMBO:

7 150

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS  
E LETRAS DE ASSIS

BIBLIOTECA CENTRAL

Se este livro não for devolvido dentro  
do prazo, o leitor perderá o direito a novos  
empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não  
houver pedido para este livro.

MOD. 88 63 - B - 15.000



cm 1 2 3 4 5 unesp 8 9 10 11 12 13